



ARTE CORPO LIBERDADE

Chamada aberta para proposições artísticas

CATÁLOGO DE OBRAS

www.recipienteporongo.com
21 3324 5298 | recipienteporongo@gmail.com
Rua Pinheiro Guimarães, 34 | Botafogo/ RJ



ANA AND

Ana And (RJ, 1981), é Mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ, artista visual multidisciplinar, diretora de arte, designer, taróloga e astróloga.

Em seu ateliê "O-culto" investiga ecologias espirituais feministas e ocultismos, utilizando como seus principais médiuns o desenho, o objeto, a fotografia e a (video) performance.

É membro do grupo Cidade Baixa, localizado na Zona da Pequena África do RJ, do grupo Ambientalidades regido por Jorge Menna Barreto e Eliosa Brantes e Arte e pensamento contemporâneo com Fred Carvalho. E localiza suas produções de ateliê na Rua México, no centro do Rio de Janeiro.

Com projeto selecionado pelo edital do Museu de Arte Contemporânea do Chile, tem previsão para exposição em outubro de 2026 na sede de Santiago.

Entre as exposições realizadas se destacam "Sublimações de um mundo feminino", Museu Ruth Schneider, RS; Paisagens Invisíveis, "Paisagens Invisíveis", II Encontro Internacional Corpo-Ambiente, RJ; "A casa que carrego" e "Cromatografia do Tempo", Parque Maria da Glória, RJ; "Superfícies", Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, RJ; "Por um sopro de Fúria e Esperança", MUBE, SP; 12º Salão de artistas sem galeria, Zipper Galeria e Lona Galeria, SP; Quarta Fractal: Somos aquilo que resiste à queda, Caixa Preta, RJ, Estandarte I: A vanguarda dos Povos, Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho, RJ entre outras.

Em 2025 publicou o ensaio "Esquecer o Ar", na Revista Philos e "O Mar Serenou: Voo Nupcial é Oferenda", no periódico arte:lugar:cidade. Entre outras publicações estão o livro "Manifesto Cósmico, Nada Cômico. Narrativas Celestes do Apocalipse", pela

Editora Rio Books; o artigo "Ocultamentos e a Escrita Mágica", na Revista Kuruma'tá; e textos na publicação de "Escritos de artistas, Escritos em arte", Volumes 2, 3 e 4.

Culto à Padaria Paleolítica, SUNÊV, 2023



Farinha, água, sal, madeira, vidro

12,5X12cm

R\$ 950,00



É um objeto votivo que reitera o pão de vênus como artefato sagrado. A massa transformada em imagem e depositada sob vidro convoca rituais íntimos de devoção ao alimento e ao feminino como matriz universal.



Matriz da Padaria Paleolítica, SUNÊV, 2023

Revelação em emulsão fotossensível s/ poliéster, madeira, vidro

24X34cm

R\$2.700,00

A matriz funciona como origem e testemunho, fixando em emulsão fotossensível a imagem do pão-imagem. Se na fotocópia a reprodutibilidade é popular e infinita, a matriz confere a origem, autoridade e permanência à imagem. Trata-se de um altar da reprodutibilidade: o corpo feminino como molde primordial, o pão como signo ancestral e cósmico, preservado por camadas de pigmento, luz e materialidade.



Reprodução Padaria Paleolítica, SUNÊV, 2023

Fotocópia, papel kraft

42X22cm

R\$2.200,00



A imagem dos pães é repetida mecanicamente em sacos de pão de papel kraft, remetendo tanto à materialidade das padarias brasileiras quanto à circulação popular do alimento como ícone. A reprodutibilidade acentua o gesto coletivo: a figura feminina, reprodutora, reprodutiva, multiplicada, compartilhada, tal como o pão, que no rito litúrgico, se reparte e se multiplica.

O Primeiro registro da confecção de pães em forma de Vênus paleolítica, realizado em contexto doméstico durante o isolamento da pandemia de Covid-19. A vídeo performance "Padaria Paleolítica, SUNÊV", conecta o gesto arcaico de amassar pão com o gesto simbólico de moldar corpos femininos, evocando fertilidade, abundância e ancestralidade.

"Culto à Padaria Paleolítica" é um objeto votivo que reitera o pão de vênus como artefato sagrado. A massa transformada em imagem e depositada sob vidro convoca rituais íntimos de devoção ao alimento e ao feminino como matriz universal (Culto à Padaria Paleolítica, SUNÊV, 2023 farinha, água, sal, madeira, vidro 12,5X12cm)

Na segunda edição da feira de múltiplos Arte Rita, no Cidade Baixa, em frente à matriz da Igrejinha de Santa Rita, na região da Pequena África, no Centro do Rio de Janeiro, foi apresentada a ação "Padaria Paleolítica R\$1". A atmosfera sacro-profana da feira harmonizou-se com a produção em série de pães em formato de Vênus paleolítica, comercializados em valor simbólico. A ação fez eco à metáfora de Dionne Brand em "Pão tirado de pedra. Raça, sexo, sonho, política": se "tirar leite de pedra" exprime o esforço extremo, "tirar das pedras o pão" evoca o gesto quase impossível de extrair alimento, real ou simbólico, de um cotidiano endurecido e áspero. Os pães, moldados à mão e vendidos em múltiplas réplicas, não foram consumidos: adentraram cozinhas e casas, endurecidos pelo tempo, transformando-se em objetos — "duros feito pedra". Suspensos em paredes, guardados em gavetas ou expostos em altares domésticos, despertaram um imaginário de abundância e fertilidade. Relatos dos adquirentes registraram práticas rituais espontâneas: esfregar a Vênus para atrair amores, friccionar as genitálias para fertilidade, ou simplesmente guardá-la como promessa de vitalidade. Esses gestos ressoam ecos arcaicos — como os hieróglifos erodidos nas genitálias em templos egípcios, prática supersticiosa ligada à busca pela gravidez.



ANA KLAUS

Ana Klaus (Rio de Janeiro, Brasil) é artista visual, graduada em Artes Visuais pela EBA-UFRJ, doutoranda no PPGARTES-UERJ e professora de Artes Visuais no Colégio Pedro II. Desde 2015, desenvolve uma pesquisa sobre montanhas reais e imaginárias. Sua produção articula a memória de ter crescido na cava de uma pedreira desativada em Vila Isabel a narrativas coletivas que atravessam a experiência comum, explorando diferentes materialidades, como desenho, performance, vídeo e cerâmica. Seus trabalhos configuram uma espécie de platô, podendo combinar-se entre si, de modo que, ao longo do tempo, alguns deles se “atualizam” em relação ao seu formato original de criação e apresentação, compondo, por meio de ciclos, uma nova forma. Em 2024 participou do 4º Salão Nacional de pequenos formatos de Britânia, com curadoria de Gleyce Kelly Heitor – Evento SAPF MABRI em Britânia, Goiás.



Mordida da Pedra - Ferida, 2025

Argila, atadura de algodão

40x40 cm

R\$5.000,00

Utilizo uma pequena pedra, semelhante a um dente, como ferramenta para criar a Mordida da Pedra – Ferida. A argila, com sua superfície maleável, recebe as marcas da pedra, criando sulcos iguais a uma mordida. A obra nasce de reflexões sobre as transformações provocadas por doenças, quando pedras se formam dentro do corpo humano, e de um gesto pessoal que pratico desde a infância: morder a própria pele para observar o desenho efêmero deixado pelos dentes. Em Mordida da Pedra – Ferida A forma orgânica e circular é atravessada por uma atadura de algodão, que introduz um contraste entre materiais e texturas e as marcas na argila deixam de ser efêmeras, tornam-se duradouras, quase-fósseis ou uma espécie de registro tátil do encontro entre corpo, argila e mineral.



ANA REIS

Nasceu em Uberlândia/MG, viveu em Goiânia/GO e atualmente reside no Rio de Janeiro.

Artista do corpo e da performance, com experimentações em fotografia, vídeo, colagem e intervenção urbana, com especial interesse pelas fronteiras. Pesquisa feminismos, autoficções e rachaduras, num campo de escrita teórica, poética e performativa. Graduada em Artes Visuais e Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia, Doutora em Artes – Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Curso de Dança da Universidade Federal de Goiás, coordena o Grupo de Pesquisa Práticas Artísticas Autoficcionalis: Rachaduras de Gênero e Colonialidade e integra o coletivo Acocoré: Artes, Coletivos, Conexões e Redes. Desenvolve um Pós-Doutorado no PPG Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e integra o Grupo de Pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas. Participa de exposições, residências e encontros de arte e pesquisa.



Linhas guias para um corpo que não cabe (Imagem 1), 2020

Fotografia (Fotoperformance)

60X90 cm

R\$ 5.000,00



Linhas guias para um corpo que não cabe (Imagem 1) integra um serie de fotoperformances intitulada Autoficções e camuflagens, nas quais exploro as possibilidade de fotografar meu corpo em ambientes do cotidiano, em dialogo com o autorretrato e a possibilidade de ficcionalizar a si mesmo. Na imagem, o corpo nu busca caber dentro de um carrinho de feira mas transborda e questiona os limites, as bordas e fronteiras.



Linhas guias para um corpo que não cabe (Imagem 2), 2020

Fotografia (Fotoperformance)

30x45 cm

R\$ 3.000,00

Linhas guias para um corpo que não cabe (Imagem 2) integra um serie de fotoperformances intitulada Autoficções e camuflagens, nas quais exploro as possibilidade de fotografar meu corpo em ambientes do cotidiano, em dialogo com o autorretrato e a possibilidade de ficcionalizar a si mesmo. Na imagem, o corpo nu busca caber dentro de um carrinho de feira mas transborda e questiona os limites, as bordas e fronteiras.



ANGÉLICA ARECHAVALA

Angélica Costa Arechavala, 1978 nasceu e reside no Rio de Janeiro - RJ, Formada em Licenciatura em Educação Artística e especialização em artes integrativa e no desenvolvimento da criança. Iniciou sua produção artística em 2009. Com o nascimento da sua filha em 2011, inicia uma pesquisa com o autorretrato e o retrato no desenho e na escultura, uma série relacional que acontece no encontro com o outro. Atualmente, os autorretratos e retratos são representados em outras mídias e linguagens como selfies, fotoperformances e videoperformance. Produz esculturas, em sua maioria em cerâmica, e quando incorporadas no corpo ganham novos significados. Os objetos escultóricos, e as fotos/vídeos performances penetram campos simbólicos sugerindo o mistério dos entre mundos, entrando em universos oníricos. A artista traz o corpo e o feminino para o protagonismo como construção de identidade.

No campo da educação não formal, atua em ateliês dando aula e workshop de escultura em argila para adultos e oficinas de artes com múltiplas linguagens para crianças e adolescente em diversos espaços culturais e educacionais.

Recentemente abriu o seu atelier na cidade do Rio de Janeiro, onde produz e ministra aulas.

Participou de residência e exposições coletivas nos últimos dois anos, dentre as quais se destacam: A mão no olho na mão do mundo, Galeria 506 (POA); Memórias da loucura 7, instituto Nise da Silveira (RJ); Falo(de)Erotismo, Galeria Vórtice edições 1,2,3 (SP) ; EntreLinhas, Oswald Andrade (SP); DaTerra, Galeria Modernista (RJ); projeto Vitrine (SP); residência Artística, Edifício Vera 2 (São Paulo - SP). Integra o grupo de mulheres GOMAGRUPA. Co Fundadora do Laboratório Escultórico. Foi contemplada no Aldir Blanc 2024 e ministra oficinas no ateliê Norma Grinberg e Sesc Jundiaí.



Fim de ciclo (cobra grande), 2025

Fotoperformance

R\$ 500,00 cada (sem moldura)



Tenho a prática de "vestir", trazer para o corpo os objetos artísticos e escultóricos que produzo. trago o meu corpo para a cena. nesse trabalho de fotoperformance se apresenta a obra cobra grande e o meu corpo nu deitado "tentando" se encaixar nesse contorno cobra. é um trabalho experimental, que está em processo, porque vou realizar novas fotos. A idéia é o encontro do meu corpo nu, no solo duro, "dentro" desse contorno cobra.

Nesse campo do encontro da vida/nascimento e morte.



Cobra Grande, 2025

Cerâmica queimada raku

55 cm (L) x 1 m (A) x 5 cm (P)

Não está à venda

Cobra Grande é uma peça em cerâmica executada em partes. Surge de uma pesquisa que venho desenvolvendo sobre cobras no aspecto formal e conceitual. A obra cobra como objeto artístico, de forma simples e sinuosa como um rio, que percorre caminhos e carrega mistérios. perpassa por campos simbólicos de muitas culturas ancestrais. Essa peça foi pensada para estar suspensa criando um outro espaço perceptivo e de fruição, deslocando ela do solo e suspendendo para pertencer outras "dimensões" como no campo onírico do sonho.



BO FERRAZ

Bo Ferraz é artista e educadora. Mineira nasceu em 1970 em Belo Horizonte e reside e trabalha no Rio de Janeiro.

Graduada em Educação, trabalhou muitos anos com aquarela na ilustração de livros infantis e se formou em ilustração na Scuola Internazionale D'illustrazione di Sarned, Itália e na Central Martin School of Art, Londres. Frequentou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, cursos de discussão de trabalho com Brígida Baltar, Ana Miguel, Clarissa Diniz, modelo vivo com Gianguido Bonfanti, escultura Contemporânea com Iole de Freitas, dentre outros.

Participou de diversas coletivas como "Ainda fazemos as coisas em grupo", no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Coletiva Eixo Arte, Arte em Casa no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Himalaya Niloticus Crocodile Diamond no Centro Cultural Capiberibe, Abraço Coletivo na Lanchonete, etc. Participa do grupo de discussão em Arte Contemporânea, Fábrica de Ratoeiras, orientado por Cadu e Arthur Chaves.

Desde 2023 coordena uma oficina de bordado com mulheres da Rocinha na ONG Nós Do Crochê. Iniciou sua pesquisa em artes através dos bordados, uma tradição de família que aprendeu desde criança. Em seu trabalho artístico, tem investigado o universo feminino, a ancestralidade, o corpo, a construção do psiquismo a partir da infância e seus entornos. Seu trabalho é resultado de uma prática que entrelaça costura, bordados, aquarela e cerâmica.



Matriosca 2, 2025

Instalação em acetato

40x60cm e 2 boneca 70x30cm

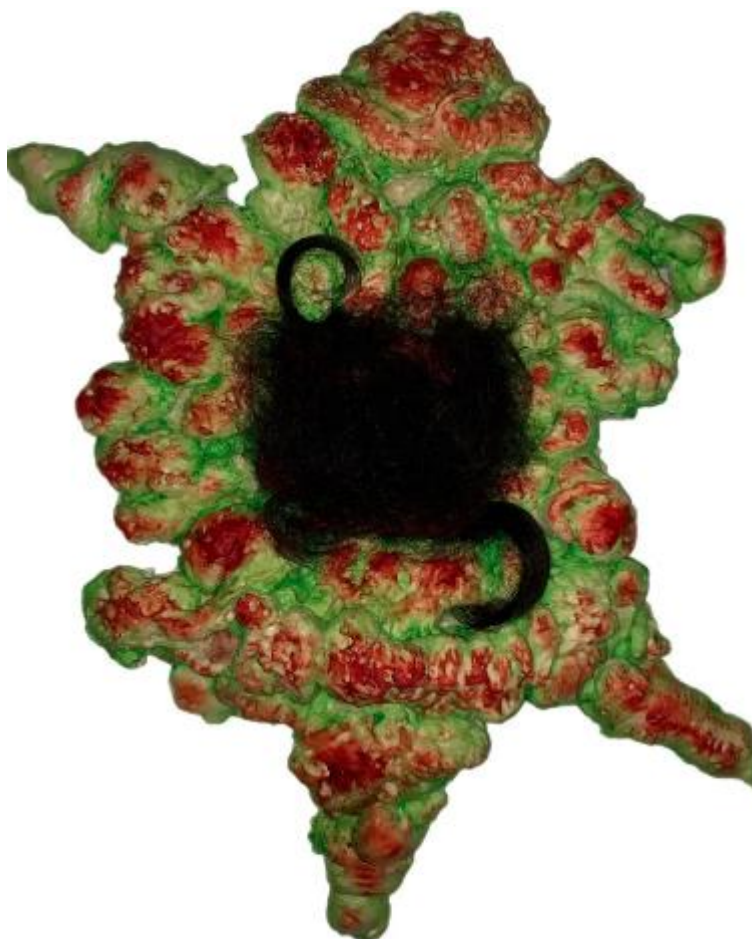
R\$1.200,00

Como matrioscas vamos nos constituindo fisicamente e psiquicamente a partir de nossa ancestralidade, nesta transgeracionalidade na gestão do feto feminino os óvulos já estão presentes na bebê e a mulher carrega uma célula com os ovos de seus possíveis netos.



CHENDO

Chendo nasceu em 2001, é artista-pesquisadora com foco na pintura, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua pesquisa gira em torno da transfiguração da carne em abstração, algo que sugere a um figurativo perturbado, orgânico e vivo. Dando corpo a cor vermelha fantástica ao lado de substâncias estranhas, transformando a pintura alucinante. Participou do Ateliê Aberto “Pertencimentos” em 2023 na Escola de Belas Artes na UFRJ.



Coisa, 2025

Acrílica, óleo, cabelo e espuma expansiva s/ tela

43x37x7 cm

R\$300,00

Coisa pelo grudado é pelo da mulher é nojo mas ainda é pelo pelo fora do corpo é coisa um nojo transformado pelo na carne despejada é abjeto desconhecido um corpo traumatizado.



CLARA MACHADO

Clara Machado (Rio de Janeiro, 1994) é artista visual e poeta. Doutoranda pelo PPGARTES-UERJ, com Mestrado na mesma instituição. É integrante fundadora do Ateliê Cidade Baixa, no Rio de Janeiro e professora substituta no Instituto de Artes da UERJ. Foi bolsista do programa Imersões Poéticas da Escola Sem Sítio (2019) e realizou diversos cursos na EAV Parque Lage, onde foi selecionada para o Desenvolvimento em Gravura Contemporânea (2014). Integrou o 2º ciclo de residências da Casa de Escada Colorida (2020). Em 2021, participou da residência artística no Espaço Oasis e publicou seu primeiro livro de poemas intitulado Ferrugem, pela Editora Urutau. Em 2022 integrou a exposição Ferramenta, Ferragem, Ferrugem através de edital do Paço das Artes (SP), e em 2025 foi selecionada para a 50ª edição do Salão de Arte de Ribeirão Preto (SARP). Em 2023 realizou sua primeira individual no Espaço Cultural dos Correios de Niterói (RJ). Através de meios como escultura, instalação, gravura e escrita, Clara investiga o corpo em suas materialidades e desdobramentos poéticos. O corpo aparece como fragmento ou vestígio, por vezes no limite da figuração, deslocado, atravessado por questões como a morte, a memória e o erotismo.



Tripas, 2024

Materiais diversos

58 x 25 x 11 cm

R\$1.600,00



No processo de trabalho dos OCOs, protuberâncias começaram a aparecer saindo dos buracos (embora possam também estar entrando neles). Os corpos ganham então um novo movimento, serpenteiam, ondulam, parecem querer lamber. Órgão versátil, a língua engole, cospe, beija, fala, lambe. A língua vai para dentro e para fora do buraco da boca, é móvel, desliza. Mole, escorregadia. Uma nova série de formas que se assemelham à compridas línguas saem de buracos cor de rosa, como em Tripas. Nesse trabalho, composto por dois corpos dispostos a uma pequena distância um do outro, as línguas apontam na direção do outro corpo, das outras línguas e dos outros buracos, querem entrar, se encostar. Quase se tocam, mas a tensão permanece suspensa. Aqui, duas formas distintas buscam uma à outra, desejam o contato, o enlace, a cópula.



Trança, 2023
Cerâmica esmaltada
15x44x31 cm
R\$3.100,00

O trabalho nasce do desejo de fazer deslizar formas fixas e fragmentos de corpo. O elemento "dente" - matéria dura e rígida, que aparece em outros momentos em minha produção - aqui amolece e se move, tornando-se corpo desejante. Busco também uma zona de estranheza, em que o corpo (em seus fragmentos), deixa de ser uma forma pré-estabelecida, mas se abre, é lábil. A forma é composta por dois dentes que se cruzam, copulam. As raízes dos dentes são sinuosas, parecem dedos ou tentáculos apontando em diferentes direções, são voluptuosas. Na boca, os dentes são estáveis, fixos, duros, até que eles caem ou são arrancados e revelam aquela parte escondida pulsante, desejosa. A função das raízes dos dentes é agarrar. A imagem da trança de dentes nasce da observação das raízes, seu desejo de movimento. Pensei como seria se essas raízes se agarrassem umas às outras.



COLETIVA ILUSÓRIAS

Coletiva Ilusórias é um grupo interdisciplinar de performance formado pelas atrizes Brisa Caleri, Carolina Haddad e pela artista visual Maria Chrisá. Desde 2020, o trio tece criações que exploram a potência do corpo e a liberdade da experimentação visual, fundindo teatro físico e universos multimídia. Suas videoperformances já foram premiadas por instituições como FUNARJ e FUNARTE, destacando-se pela integração de linguagens artísticas na delicada fusão entre gesto, imagem e atmosfera. Brisa conduz a direção de movimentos e Chrisá assina a direção criativa, enquanto Carolina imprime sua presença cênica e conceitual. O grupo se expande com a participação de artistas convidados, que somam novas camadas sensíveis às apresentações e projetos audiovisuais, fazendo de cada obra um território vivo de invenção e encontro.

Ruínas, 2025

Vídeoperformance, 5'

Acesse a obra em: <https://vimeo.com/avafilmesbr/ruinas01>

R\$ 3.000,00

Ruínas é a representação de nossas memórias em espaços do passado, esvaziados pelo tempo. Um tempo que não se foi — insiste em permanecer. São ruídos que atravessam o agora, fragmentos em desconstrução nos corpos presentes. A ruína que resiste, cujas paredes ainda sussurram lembranças. O passado retorna com o peso do que restou, reaparecendo como sonho, sombra e vestígio.

Ruínas, 2025

Performance ao vivo

15'

Brisa Caleri e Carolina Haddad apresentam a performance ao vivo RUÍNAS, em continuidade ao trabalho homônimo da videoperformance. O músico Marcelo Conti participa da performance e embala o ritmo da apresentação.



DANI SOTER

Porto Alegre, 1968. Artista pluridisciplinar, Dani Soter é formada em Línguas e Literatura Lusófona pela Sorbonne, em Paris. Iniciou sua trajetória artística há trinta anos como fotógrafa, incorporando gradualmente desenho, aquarela, colagem, vídeo, performance, instalação e objetos em sua produção.

Sua pesquisa investiga narrativas ligadas à passagem do tempo, à fragilidade e reconstrução da memória e às transformações do corpo ao longo da vida. Com uma obra que transita entre registros íntimos e experimentações formais, Dani explora tanto a delicadeza dos materiais quanto a potência poética dos vestígios e ausências.

Expôs em galerias e instituições no Brasil, França, Holanda, Argentina, México, Portugal, Estados Unidos e Estônia. Suas obras integram coleções particulares, além de acervos institucionais como a Rotasa Foundation (Califórnia) e a MEP – Maison Européenne de la Photographie (Paris).



Com catchupe, 2017

Série “Velha é uma ova”

Grafite e tinta acrílica

21x29,5cm

R\$3.100,00



Minha pesquisa sobre a sexualidade na velhice começou em 2015. Durante uma residência artística, em 2017, pude começar a desenvolvê-la com bastante liberdade. Investiguei sites de pornografia cujos personagens centrais eram mulheres velhas, trazendo à tona um assunto tabu que para mim mesma trazia uma sensação de incômodo. Me interessei pela expressão dessas mulheres, pelos seus corpos, pelo público ao qual essas imagens pornográficas se destinavam (adultos de diferentes idades). Chamei essa série de “Velha é uma Ova” quando tomei consciência de que a libido não tem data de validade.



Rends-toi à l'évidence (encare os fatos), 2017

Série “Velha é uma ova”

Desenho

20x27 cm

R\$3.100,00



Esse desenho faz parte da série “Velha é uma ova”(descrição acima, na Obra 1). Meu interesse particular aqui era pelos comentários dos usuários do site de pornografia com fetiche em mulheres velhas.



Betty, 2017

Série “Velha é uma ova”

Grafite

20x27cm

R\$ 3.600,00

Betty é um dos personagens que mais pesquisei para esta série. Uma mulher madura, sexy, potente. Tinha muitos seguidores e atraía homens e mulheres, jovens e velhos, que enviavam mensagens de cunho sexual ou apenas elogiando sua beleza. Fiz questão de deixar o papel envelhecer e as diferentes camadas sobrepostas trazem minha própria sensação de vertigem ao tentar entender como a sexualidade é ampla, geral e irrestrita.



DIANA SANDES

Diana Sandes nasceu no Rio de Janeiro (1986) e é artista visual. A fotografia norteou seu processo artístico, que hoje se desdobra também em vídeos, objetos e instalações. Sua pesquisa parte da observação do espaço e do corpo e é atravessada por temáticas como a morada, o exílio, o estranho e o familiar. É graduada em História e mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e frequentou oficinas e cursos com artistas como Eustáquio Neves e Iole de Freitas. Foi artista residente do 4º ciclo da residência artística da Casa da Escada Colorida (RJ), conduzida por Fernanda Lopes, em 2022. Nos últimos anos, participou de diversas mostras de cinema e exposições em centros culturais e galerias, como Infinito Super 8 (ARG), Curta Cinema (RJ), FestCurtasBH (MG), Mostra Strangoloscope (SC), Festival Experimental de Artes Fílmicas – FENDA (MG), Festival Inflamável (SC), Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilloto (SP, 2021), a coletiva "Superfícies" na Galeria Marcantonio Vilaça (RJ, 2023), "A medida das coisas" e "Entre ossos e sonhos" na Casa da Escada Colorida (RJ, 2022 e 2021). Em 2022, ganhou o prêmio de melhor direção com o curta "Nada continua" pelo Festival Inflamável. Integra algumas publicações impressas com imagens e textos, com destaque para "Encontros e reflexões pandêmicos" (Org. Iole de Freitas, Ed. das Autoras, 2021) e "Arquivo Pandemia: volume 2" (Org. Vera Casa Nova e Andrea Casa Nova, Editora UFMG, 2020).

Balanço, 2025

Vídeo, 15''

Não está a venda

"Balanço. Gesto de cuidar, de relaxar, de refletir. Balançar é lúdico, cuidadoso e gentil. Mas na repetição e na intensidade – que aos poucos vem à tona no vídeo homônimo, Diana Sandes traz outras camadas para o gesto do balançar.

Dança, risco, grito.

O ranger da cadeira que é um ruído incômodo, os objetos que se movem deslocam o olhar. Os que se mantêm fixos complementam a cena, o espaço. Todas as coisas deste mundo se revelam e tremem. Tal qual (ou quase) 'globo da morte de tudo' de Nuno Ramos, a artista torna a cadeira um 'globo da morte de tudo que é materno' – do corpo, dos objetos, dos sentidos. As roupas, os brinquedos, o que está por trás da câmera que observa inquieta a exaustão – tudo é testemunha do exercício de morte.

Tudo é gesto, tudo balança.

Uma dança que no risco e na intensidade é sublime. No encanto do (quase) equilíbrio, do que pode ser destruído e do que de fato se destrói é que o balançar de Diana opera: os objetos infantis se desinfantilizam, tremem. A cadeira dança junto de tudo: é corpo – como era corpo quando amamentava, como se mantém corpo nos gestos de afeto cotidiano entre mãe e filho. Assim, a cadeira dança, se arrisca, chega à exaustão.

O corpo exausto – espaço de morte – deita, ralenta, ao mesmo tempo em que se mantém alerta nas tensões do mundo, de todas as coisas em volta, da maternidade." (Raphael Couto)



Corpo estranho 1, 2024

Objeto de cera termomoldados

13x20x15cm

R\$1.200,00

A série Corpo Estranho é um exercício de reconstrução do corpo a partir de seus fragmentos



DONAOSTRA

Artista visual carioca, nascida em 9 de agosto de 1997. Bacharela em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA/UFRJ) e atualmente mestranda em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFRJ). Sua prática artística se apropria de dados oriundos de diversas plataformas de entretenimento adulto, explorando questões da psique contemporânea em doses satíricas, fomentando debates sobre o regime de hiperexposição e o mercado da imagem na era digital. Em 2022, apresentou seu projeto de conclusão de curso, Pornô Gráficos: Imagens da Contemporaneidade, na Galeria Macunaíma da EBA/UFRJ. Participou da exposição coletiva Ars Sexualis: Em Excesso Necessário, realizada no Cabaré da Jacke em 2023. Em 2024, integrou a mostra Índice, junto ao corpo discente do PPGAV, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica. Sua pesquisa atual investiga a ecosexualidade e seus possíveis atravessamentos com estéticas pornô digitais, propondo um pensamento sexual ecológico permeado por processos e manifestações da cultura digital.



Série Ikebanas, 2025

Colagem

Dimensões variadas, entre 10 e 5 cm

Não está a venda



A série Ikebanas (atualmente composta por 4 pequenas colagens) é uma investigação visual em andamento que busca subverter a estética pornográfica tradicional por meio da apropriação e rearranjo de imagens retiradas de revistas eróticas antigas. Inspirada na arte japonesa de arranjos florais — o ikebana — propõe uma composição descentralizada da visualidade pornô, ativando em estratégia satírica, novas formas de relação com o corpo, o desejo e a imagem.



ELISA KUSCHNIR

Me interessa o trabalho manual como caminho de pesquisa. Inspirada por gestos, materiais e técnicas, investigo a negociação entre materialidade e forma, controle e acaso, mente e corpo majoritariamente por meio de experimentações com estruturas e processos têxteis tais como tingimento, bordado e tecelagem. Concluí o mestrado em design pela Esdi/UERJ em 2015 e estudei Artes manuais têxteis na Handarbetets Vänner, em Estocolmo (2017 - 2021), onde integrei, no mesmo ano, a exposição Weaver here. Participei também da quarta edição do Abraço Coletivo, em 2024. Nasci no Rio de Janeiro (1988) e atualmente vivo e trabalho em Görlitz, na Alemanha.



Sem título, 2016

Arte têxtil

24x17cm

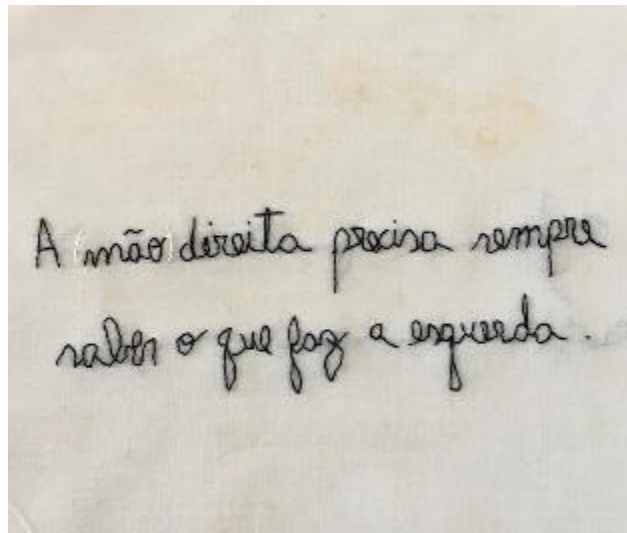
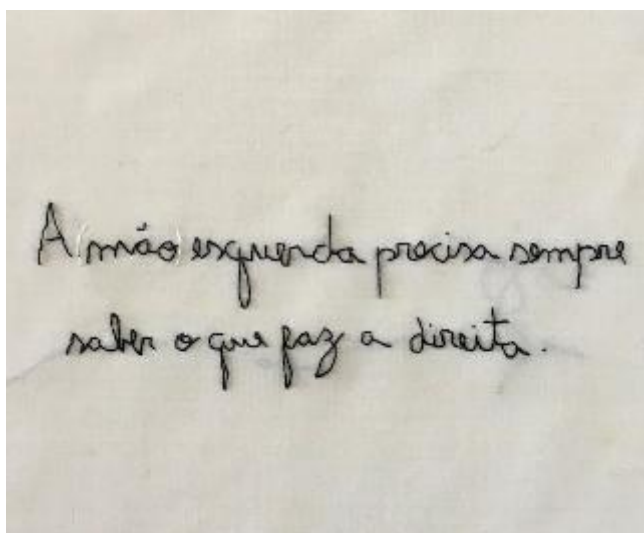
Não está à venda

A forma feminina é representada em um gesto mínimo de bordado que deforma o pano. Uma metáfora em que a potência do desejo feminino, ao afirmar-se, constrói novos contornos e altera as estruturas previamente estabelecidas.



FERNANDA MORAIS

Fernanda Moraes (Petrópolis – RJ, 1981) é artista. Vive e trabalha com as mãos nas linhas entre a arte e a educação. Atua como docente de Artes Visuais nas Prefeituras do Rio de Janeiro e de Petrópolis. Interessada em gestos, mãos, linhas e coletividade, a sua prática artística se relaciona fortemente com a experimentação de processos têxteis e de escritas – principalmente através de bordado, fiação, tecelagem, costura, vídeo, fotografia e gravura – e suas articulações com a educação. É doutoranda em Artes pelo PPGArtes da UERJ e mestre em Poéticas Visuais pela ECA USP e graduada em Artes pela UFJF. Em 2012 foi residente do programa Artistas em Residência de Bitamine Faktoria (País Basco, Espanha) e em 2022 foi artista residente da Casa da Escada Colorida. Faz parte do atelier Cidade Baixa e desde 2017 é integrante do Coletivo Açafraão. Participou de exposições no Paço Imperial, Centro Cultural da Justiça Federal, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Parque Lage, Sesc Paraty, Universidade de Coimbra (Portugal), Irun Factory (Espanha), entre outras. Possui trabalhos em coleções particulares e públicas, como da Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, do Instituto Solar dos Abacaxis e Lanchonete Lanchonete. Em Portugal foi premiada no Open Call internacional “O Tempo não Para”, promovido pela Universidade de Coimbra e a Artveine em 2022.



Esquerda-direita, 2020

Bordado à mão sobre tecido antigo

Díptico 20 x 20 cm cada, Tiragem de 6 + PA.

R\$ 1.600,00

Certa vez, me deparei com uma frase de Walter Benjamin: “a mão direita precisa sempre saber o que faz a esquerda.” Fiquei com ela ecoando dentro de mim. Como pessoa canhota que sou, esse eco logo se transformou em inquietação. Será que só a direita precisa saber o que faz a esquerda? Senti falta do vice-versa nessa história. Afinal, assim como num bordado, carregamos também em nosso corpo o duplo: direito e avesso, frente e verso. Não existe hierarquia entre nossos lados ou partes — as dominâncias e importâncias são pura invenção. A hegemonia da direita sobre a esquerda é apenas convenção, até mesmo quando falamos de mãos. Dessas reflexões nasceu o trabalho Esquerda-direita, um bordado em duas partes, como páginas de um livro ou



caderno, com seus lados direito e avesso expostos. O tecido da esquerda foi escrito e bordado com a mão esquerda; o da direita, inteiramente trabalhado com a mão direita. Nesse gesto, mão esquerda e mão direita atuam juntas, em parceria, para colocar a linha em movimento e ação. Não há separação nem ordem de importância. As mãos sabem — ambas sabem. Tanto a esquerda quanto a direita.



GABI SERFATY

Gabriela Serfaty (Rio de Janeiro, 1982) é artista transdisciplinar que atua entre artes visuais e saúde mental. Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Subjetividade da PUC-SP, publicou *Histeria*, um Corpo de Protesto (2017) e apresentou essa pesquisa na abertura da exposição *Dissecada* (2018). Seu percurso artístico começou no Complexo Hospitalar do Juquery com *Auto-Laudos* (2017), em que mulheres internadas escreveram sobre sua relação com a loucura. Desde então, cria trabalhos de arte relacional voltados aos adoecimentos femininos. Em 2019, participou do curso de Deformação da EAV Parque Lage, apresentando o *Confessionário* (instalação sonora). No mesmo ano, integrou a Cooperativa de Mulheres Artistas, realizou uma exposição coletiva no espaço Mesa com um vídeo-performance *Quabranto*. Também participou com exposição coletiva com a fotografia, *Lágrimas* (Ateliê da Imagem). Em 2022, a maternidade e a pandemia inspiraram o trabalho *mOthres* (cartaz) e a foto-performance *Copo de Leite*. Em 2023, fundou o Ateliê *Entreaberto*, laboratório entre arte e clínica. Em 2024, apresentou dois trabalhos de vídeo-arte e foto-performance *Ensaia* e *Jogos de Mesa* na coletiva Casa Cheia. Em 2025, durante residência com Marila Dardot, apresentou o trabalho *Fronterice*. Sua poética transita entre corpo, vídeo-performance e a colagem, guiada pela escuta e pelo entrelaço o íntimo e experiências coletivas que aparecem nos transbordamentos do corpo.

Interstício, 2025

Vídeo, 8'

R\$ 8.000,00

Este trabalho é inédito, chama *Interstício*. Nasce de uma performance, que se desdobrou neste vídeo e em fotografias. O trabalho parte da experimentação do corpo em seus entre-laços com o mundo — relações possíveis, aproximações sutis, micro-rupturas quase imperceptíveis. Trata-se de investigar o que acontece quando um corpo, costurado a si mesmo por um suporte frágil e elástico como uma meia-calça, experimenta outras formas de caminhar, mover-se e existir. Entre corpo e o material, cria-se um “entre” que também é matéria — algo que se situa entre dois corpos, ou entre partes de um mesmo corpo. A ação começa pela costura da meia-calça. No início, o gesto parece pouco revelador, mas, à medida que a linha avança, surgem formas inesperadas: pernas que se unem a outras pernas, partes de um corpo não identificado. A cena se multiplica em dobras, tensões e desenhos efêmeros, numa atmosfera que duplica e transforma as pernas em inúmeras combinações. É uma dança sutil feita de fios, fragmentos e encontros que costuram o espaço e o olhar.



HEVELIN COSTA

Hevelin Costa é doutoranda em Artes pelo PPGArtes/ UERJ (2023- atualmente). Mestre em Educação pelo PPGEB/UERJ (2020) e pós-graduada em Fotografia pelo IUPERJ/ Universidade Cândido Mendes (2013). É Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Santa Úrsula (2011), com ênfase em ecologia. Lecionou na disciplina de fotografia no Colégio de Aplicação da UERJ (2013-2014). Foi bolsista do PROATEC na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no Departamento de Cultura da UERJ e PPGHA, no Laboratório de História da Arte Global (2022 e 2023). Recebeu os prêmios Arte e Escola/Aldir Blanc (2020) com o projeto Horta Ampliada, FOCA/SMC (2022) com o projeto FotoNem e Camisa Cantão/ EAV (2013). Fez sua primeira individual em 2025, Escola das Ruas, na Galeria FFP- Decult/ UERJ.

Mãe Cansada, 2022

Performance

O projeto mãe cansada, ocorreu inicialmente com centenas de cartazes, para que o público que visitasse a exposição Olha Geral na UERJ em 2022 pegasse e levasse para suas casas. Esse trabalho resultou em inúmeras marcações no meu Instagram e mensagens por celular, de pessoas que simplesmente se sentiam representadas. A performance de produzir os cartazes, incansavelmente, também trouxe à tona a estética do cansaço. Fazer sem saber, fazer errando, fazer sem buscar a perfeição, apenas continuar a fazer. E com essa estética escrachada, a estética do erro, vieram as encomendas de blusas, ao qual na primeira remessa foram 50 camisetas estampadas. Nas últimas intervenções, venho dormindo em espaços públicos desde 2022. Primeiro no Centro Cultural do Banco do Brasil, depois na exposição Futurama (sem ser convidada), no Centro Cultural do Parque das Ruínas e por último, em 2023 na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Saúde Pública, na disciplina de saúde coletiva. Por se tratar de uma performance, o trabalho é entregue no dia da abertura. Caso a curadoria queira fazer outros dias, como encerramento ou algum dia para o público não convidado, estarei à disposição. O tempo que costumo dormir, inicia-se com minha chegada na exposição, converso com as pessoas que estão no espaço e encontro um lugar para dormir. A iniciativa busca dormir até o fim da exposição, aguardando que alguém me acorde para sair e fechar o espaço. Mãe cansada é um trabalho de arte e sobretudo um desejo de intervenção em uma sociedade onde a competição vem antes do trabalho coletivo. É sobre também a sociedade do cansaço, onde o capitalismo se beneficia do trabalho gratuito de gerar, alimentar, educar, vestir e orientar um novo trabalhador. É sobre investir em um outro ser humano, através do trabalho e também para o mercado de trabalho. É sobre o tempo, o tempo de cada pessoa, quando esse tempo é dividido entre uma rotina de exaustão. Onde o dia se divide em pequenas parcelas de tempo, tempo que falta e é retirado das horas de sono para o tempo de trabalho (ultimamente sempre informal), trabalhos domésticos e trabalhos de cuidado.



HIGOR ALCÂNTARA E DIOGO SANTOS

Higor Alcântara é graduando em Artes Visuais - Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi assistente e impressor do artista Julio Castro desde janeiro de 2024, tendo realizado edições póstumas de xilogravuras da artista Maria Lídia Magliani (1946–2012). Atualmente, é assistente do artista Diô Viana e impressor associado EstuDiô. Trabalha com a Galerie Martine Namy-Caulier em Paris (França). É artista residente no Paradoxo Casa Ateliê. Fez parte do Núcleo de Fotografia Contemporânea da Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói) entre 2021 e 2023. Participou de inúmeras exposições coletivas, dentre elas - “Journées de l’Estampe Contemporaine”, Paris - FR (2025); “Portes Ouvertes des Ateliers d’Artistes”, Paris - FR (2025); “13e Fête de l’Estampe”, Paris - FR (2025) e “Coro”, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (2025)

Diogo Santos é multiartista visual, poeta, curador e educador. Doutor em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011) e Mestre em Literatura Comparada (2007), pela mesma instituição. Foi curador, dentre outras, das exposições 100tenário Fayga Ostrower (Galeria Candido Portinari, 2022) e Anna Bella Geiger - Totius Orbis remix (Curadoria), Galeria Candido Portinari, UERJ. Fez, como artista exposições individuais, Voltar ao Lugar de Origem (Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, 2025), A XXIII Carta, na Galeria Samba, Rio de Janeiro, em 2023, Memórias Transeuntes (Sesc - 2019), Até a Última Sílabas do tempo (FAN Niterói -2016) e coletivas, participando, do 13º salão dos Artistas Sem Galeria, organizado pelo Mapas das Artes, em São Paulo (2022).

Os pecados do Pai, 2025

Performance, 12'-15'

A performance denominada “Os Pecados do Pai” se apropria respeitosamente de elementos simbólicos da cena “kink” para, através de uma ação com danças e numa instalação cenográfica pensar a questão das masculinidades contemporâneas. Partimos a nossa investigação em “Os Pecados do Pai” em uma releitura do sonho “Pai, não vês que estou ardendo?”, o último sonho de “A Interpretação dos Sonhos”. Freud analisa a cena onírica como expressão de um desejo inconsciente, o filho morto aparece em chamas diante do pai, invertendo a relação de cuidado e proteção. Trata-se de um sonho que desloca o papel paterno da autoridade protetora para uma figura passiva, vulnerável e até impotente diante do filho, desmontando a imagem do pai como figura invulnerável, expondo o corpo masculino à dor, ao desejo e à fragilidade. Lacan lê Hamlet articulando o drama do desejo, do lugar do pai e da impossibilidade de simbolizar plenamente a função paterna. Em Hamlet, a masculinidade do protagonista está atravessada por indecisão, inação e um laço ambíguo com a figura paterna. Essa falta desestabiliza a ideia de masculinidade sólida e naturalizada. A partir dessa desconstrução da autoridade e solidez masculina, abre-se espaço para pensar corpos LGBTQIAPN+ e kink não como desvios, mas como experiências que já revelam a instabilidade da masculinidade hetero-normativa. O corpo kink, práticas BDSM, fetiches, jogos de poder desmontam a fantasia da masculinidade invulnerável: dor, prazer e submissão tornam-se elementos reconfiguradores do gênero. O corpo LGBTQIAPN+, em especial corpos trans e não binários, explicita que o corpo masculino não é destino fixo, mas campo de inscrição simbólica, performatividade e invenção. Em Freud, o filho vê o pai ardendo, revelando a vulnerabilidade masculina. Em Lacan, Hamlet não vinga o pai de imediato, e sua hesitação e desejo estão atravessados pela perda. No contemporâneo, práticas sexuais dissidentes e identidades queer assumem essa falta como potência criativa. O “ardor” pode ser lido não só como sofrimento, mas como desejo que transborda, queimando as fronteiras rígidas do que se chama “masculino”. Através de danças, máscaras de couro, figurino, cenografia, música e suspensão em shibari, a



Performance “Os Pecados do Pai” pensa narrativas e corpos dissidentes reescrevendo a função paterna e a masculinidade, não como lei fixa, mas como jogo de corpos, afetos e significantes.



INÊS CARIJÓ

Inês Carijó é coreógrafa, performer, professora e assistente coreográfica brasileira. Concluiu em 2025 o mestrado em pesquisa em dança no Conservatório Real da Antuérpia (Bélgica), onde desenvolveu *Rendering*, uma investigação sobre visibilidade, identidade e tecnologia, examinando como o corpo se torna visível sob condições de autoexposição algorítmica. Atuou como assistente em criações de Jos Baker na *Trodden Dreams*, Tamara Catharino (*MIRARE*, Balé da Cidade de Niterói) e Guilhem Chatir (*Vertiges*). Foi professora na *Performact* (Portugal), onde criou as obras *Where the Lost May Be Found* (2024) e *Funny how the Time Slips Away* (2022). Como intérprete, colaborou com artistas como Alexander Vantournhout, GoPlastik, Insieme Irreali e Henrique Rodovalho. Integrou a companhia do Stadttheater Bielefeld (Alemanha) na temporada 2017–2018, onde performou trabalhos de Lali Ayguadé, Simone Sandroni e Gerhard Bohner. É formada pelo Lines Ballet Training Program (EUA) e pela SEAD – Salzburg Experimental Academy of Dance (Áustria).

Rendering, 2025

Video 13'20''

Não está a venda

Rendering é a culminância de uma pesquisa artística desenvolvida entre 2022 e 2025, durante o mestrado em dança de Inês Carijó no Conservatório Real de Antuérpia (Bélgica). A obra emerge como síntese conceitual e coreográfica da investigação intitulada *Overexposure of the Self in the Digital Age*, que explora como o corpo dançante negocia identidade em ambientes digitais mediados por algoritmos e plataformas como o Instagram. A partir de práticas autoetnográficas e experimentos coreográficos, a pesquisa questiona os regimes de visibilidade, os gestos da autopromoção e os efeitos da curadoria de si sob as lógicas da performance constante. O filme *Rendering*, núcleo da instalação performativa homônima, insere o espectador em um espaço digital surrealista, onde o corpo performa versões de si moldadas pela expectativa de legibilidade, repetição e recirculação.

A obra não busca oferecer respostas fixas sobre identidade, mas sustentar a ambiguidade, a fragmentação e a insistência do corpo mesmo quando tudo já parece ter sido mostrado. Ela articula uma “coreografia da visibilidade”, em que o corpo se expõe, se recusa, e persiste em meio à lógica do algoritmo. Nesse sentido, *Rendering* propõe a coreografia como método crítico: não apenas uma composição de movimentos, mas um modo de interrogar os dispositivos que moldam o aparecer.

Conceito criativo, roteiro e coreografia: Inês Carijó
Assistência criativa: Miti Performance: Inês Carijó
Direção: Artur Miranda e Philippe Noguchi
Direção de fotografia e cinematografia: Philippe Noguchi
Gaffer: Rodrigo Ocampo
Produção: Kinopocket
Coordenação de produção: Guilherme Prates
Direção de arte e figurino: Miti
Edição: Philippe Noguchi
Trilha sonora original: Rudah Guedes



ISABELLA MOTTA

Nascida em 2002, na capital paulista, me chamo Isabella Motta. Sempre fui ligada as artes visuais e, em 2020, ingressei no Bacharelado de Artes Visuais na Belas Artes de São Paulo, onde me formei em 2023. Hoje sou artista visual multimídia, bacharela em Artes Visuais, licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Educação Paulistana (2024), Pós-graduanda em Contação de Histórias, Musicalização e Arteterpia infantil pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (2024 -), pós-graduada em Arte, Educação e Acessibilidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2024), professora de artes, pesquisadora, além de participante do portfólio coletivo "Arte e Acesso" para artistas com deficiência do Itaú Cultural e do "Mapeamento Acessa Mais" promovido pelo Ministério da Cultura, com o mesmo propósito. Participei de exposições no Memorial da América Latina (2023), na Galeria Oposta (2024), na Ocupação Artemísia (2024), no SESC Ribeirão Preto (2024-2025) e no Recipiente Concava (2025).



Ferida aberta, 2024

Pele artificial

25x14,5cm

Não está a venda

“Ferida aberta” não é apenas o título gravado com violência visual na pele artificial — é um grito silencioso que ecoa a trajetória de um corpo atravessado pela dor crônica, pela cirurgia precoce, pela compulsão e pela memória ausente. Esta obra nasce de um corpo que precisou reaprender a ser corpo, e de uma mente que protegeu a si mesma esquecendo. A construção estética remete à pele suturada — materializada aqui como suporte literal e simbólico — evidenciando o ponto em que o biográfico e o artístico se costuram, quase sem separação. Cada letra marcada remete não apenas à fisicalidade da dor, mas àquilo que permanece pulsando sob a pele: a memória traumática que se recusa a cicatrizar. O uso de materiais como a linha de sutura e o pigmento imita o aspecto de uma incisão infeccionada ou em carne viva. Mas essa “ferida” é também um arquivo: registra um nascimento forçado, um renascimento solitário, uma sobrevivência silenciosa. É a inscrição de uma história que foi negada ao consciente, mas que emerge através do gesto artístico como um processo de elaboração e cura. Ao confrontar o espectador com o desconforto da carne e da palavra, a obra convida à reflexão sobre o que é viver em um corpo moldado pela intervenção, pela resistência e pela reconstrução. Não há espaço para o alívio aqui — apenas para a verdade crua da experiência. “Ferida aberta” é, assim, menos uma imagem do passado e mais um corpo-presente, onde arte e dor não se opõem, mas se reconhecem.



JERONIMO EICHLER

Jeronimo Eichler (Rio de Janeiro, 1986) é artista visual, performer, pesquisador e cadeirante. Atua em diferentes mídias, como performances, videoartes, e arte generativa. Sua pesquisa procura investigar potencialidades de corpos com mobilidades reduzidas no campo da performance. A performance *Este é um Corpo com Deficiência*, exibida na 25ª Edição do Festival Cenas Curtas (2024), e no Programa Entre Arte e Acesso - 2023 do Itaú Cultural, faz uso da presença, fala e do processo de desenhar do artista para afirmar a realidade de corpos com deficiência. *Curto-circuito* é uma obra experimental que busca explorar dinâmicas da dança de corpos em cadeira de rodas motorizadas. *Curto-circuito* foi selecionado no Festival Internacional de Videodança do Rio Grande do Sul (2024) e Mostra Latino-americana de videodança e performance RASGO (2023). *Corpo Histórico* é um trabalho de videoarte selecionado na Mostra de Videoarte Ciclos (2024). A obra parte de uma releitura do Manifesto Antropofágico para questionar alguns conceitos geralmente atribuídos às pessoas com deficiência.



Anna acordou de um sonho, 2018

Folha A4

R\$ 300,00

A obra faz parte de uma série de desenhos que aborda a mística do imaginário feminino.

Natasha, 2025

Leitura

15'

A obra consiste na leitura integral de um relato sexual vivido por um cadeirante com uma garota de programa. A proposta confronta o silêncio e os estereótipos que cercam a sexualidade de pessoas com deficiência e das profissionais do sexo, aproximando o público de uma atmosfera de atração e cumplicidade. Mais do que erotizar ou chocar, busco afirmar o corpo Def como território de desejo e autonomia, transformando o ato de escutar em um espaço de intimidade, comunhão e reflexão.



JOÃO HISSE

Seu trabalho emerge num espaço interdisciplinar da arte, arquitetura e de uma prática social. Através de um pensamento pela pintura, principalmente, investiga as múltiplas formas como os corpos interagem com o meio; o corpo num corpo social, o corpo na arquitetura, o corpo na paisagem. Sua prática pictórica busca conjugar experiências vividas em espaços ligados à saúde mental e um entendimento de cidade desenvolvido desde a formação em Arquitetura e Urbanismo. Parte do espaço onde está habitando, lidando, muitas vezes, com ele de forma co-participativa, engendrando maneiras e posturas diferentes da sua. Vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. É graduado pela FAU-UFRJ e iniciou sua formação artística em cursos livres de desenho e pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Estudou no atelier de Menno Balm, em Mheer (Holanda), e no atelier particular de Fred Carvalho, professor da UFRJ, onde participou de grupos de estudo em arte e pensamento contemporâneo, além de aulas regulares de desenho e pintura. Atualmente atua como assistente de pintura no atelier de Lúcia Laguna. Trabalhou também como assistente de Bete Esteves em projetos expográficos e artísticos. Há 14 anos participa de atividades e projetos na Casa Hans Staden, residência terapêutica que atravessa sua pesquisa e prática. Em 2024, integrou o 20º grupo de acompanhamento artístico da Casa da Escada Colorida, com exposição coletiva ao final do ciclo.



s/ título (série: Calor), 2025

Óleo sobre tela

60x40cm

R\$ 3.000,00

Talvez seja a sensação de calor que nos faz sentir mais abertos as vibrações externas ao nosso corpo. O calor nos deixa mais lentos, preguiçosos, por vezes parecemos estar realmente derretendo e nos integrando à paisagem. Os corpos são paisagens, as paisagens são matéria constituinte dos corpos. As pinturas aqui apresentadas são tentativas de fazer um corpo de paisagem e de fazer uma paisagem de corpo, ou antes, fazer esses dois meios se misturam de maneira como não estamos mais acostumados.



JULIA PELLEGATTI FREJAT

Julia Pellegatti Frejat, 1999, é artista verbovisual e designer do Rio de Janeiro. Deseja furar a paisagem interna, trazer à tona o diálogo das camadas que tendemos a esconder, dissolver e esquecer. Dissecar o corpo das relações e como nossos corpos se relacionam. A fala levou à escrita que levou ao traço que se expande também no desenho, fotografia, gravura, pintura, vídeoarte e em suas interações entre essas mídias. Começou seus estudos no Parque Lage em 2017, atualmente sendo monitora do curso Experiências Gráficas. Em 2025, formou-se em Design no IEDRio.

rastejo e disfarço, 2025

vídeo, 4'23''

R\$ 200,00

O vídeo *rastejo e disfarço* vêm de uma pesquisa recente onde o corpo se contorce, entre a distorção e o acrobático. o movimento desse corpo/criatura é alterado e o desenho que cria no espaço busca exprimir algo do drama interno.



Série "ao lado", 2022

Monotipia sobre papel

21cmx14,8cm

R\$ 380,00



Série "ao lado", 2022

Monotipia sobre papel

21cmx14,8cm

R\$ 380,00

Na gravura trabalho principalmente com a monotipia, mas também com gravura em metal, trazendo formas fluídas de corpos/criaturas interagindo consigo mesmo ou com outros seres, em uma mistura/relação entre interno e externo.



JULIANA CASTELO BRANCO

Juliana Castelo Branco é arquiteta pela UFRJ e artista visual, com foco em imagens fotográficas, explorando a expressividade na natureza, em abstrações e autorretratos. É carioca, de 1978, e cursou diversas aulas de arte e fotografia na cidade do Rio de Janeiro, em escolas como EAV Parque Lage, Ateliê da Imagem, Ateliê Oriente e Paço Imperial.

Nos últimos 6 anos residiu na cidade de Votuporanga (SP), onde realizou duas exposições individuais no Museu do Centro Cultural do Parque da Cultura – em 2024 pela Lei Paulo Gustavo, e em 2023 pelo programa Bolsa Cultura da Prefeitura Municipal.

Expôs e foi premiada com segundo lugar em fotografia na Bienal de Artes Visuais de Rio Preto (SP) 2022, quando foi publicada no catálogo do evento e teve as obras expostas incorporadas ao acervo da Bienal.

Também teve trabalhos expostos em coletivas e festivais de fotografia, como o FotoRio 2023, o Festival A Casa Fotoarte 2024 (RJ), o Festival de Fotografia de Tiradentes (MG) em 2024 e 2025, exposição “Feminismo na Arte” na Oposta Galeria em Limeira (SP), Território da Arte de Araraquara (SP) 2025, FFSP - Festival de Fotografia de São Paulo 2025, e Moonfest na Itália em 2025.

Adicionalmente, ofereceu oficinas de fotografia e arte no Festival Literário de Votuporanga - FLIV 2024, e teve duas publicações patrocinadas por editais - um fotolivro autoral pelo programa Bolsa Cultura de Votuporanga em 2023, e o catálogo da exposição individual “Buscas Medos Desejos Angústias e Desesperos” em 2024.



Saia Rosa, 2016

Fotografia

Cada imagem 32x32cm. Total da composição: 100x100cm.

R\$ 1.000,00

Ela quer ir, ela quer vir. Buscar, ser e estar onde quiser e o que quiser.



LUANA AGUIAR

Luana Aguiar, São João de Meriti, RJ, 25/04/1986. É artista visual e pesquisadora. Doutora e Mestre em Linguagens Visuais pelo PPGAV / UFRJ, com período Sanduíche na Facultad de Artes y Diseño da Universidad Nacional Autónoma de México. É Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UERJ e entre 2009 e 2013 frequentou cursos livres na EAV Parque Lage. Desenvolve, desde 2008, trabalho artístico com seu próprio corpo em performances, vídeos e fotoperformances. Os campos do erotismo, o sagrado e os feminismos são os de maior interesse da artista que tem realizado ações tanto em galerias e museus quanto em espaços públicos. Entre 2018 e 2019, foi curadora do projeto Flexões Performáticas: gênero, número e grau, no CCBB-SP; de 2016 a 2018 foi professora substituta do departamento de história e teoria da arte da Escola de Belas Artes da UFRJ e em 2023 lecionou no departamento de Comunicação Visual da mesma escola. Em 2020 foi contemplada com os prêmios Cultura Presente nas Redes da Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e FUNARTE RespirArte na categoria Artes Visuais. Em 2021 foi co-curadora dos projetos Festival Margem Visual, performance periférica da rede e Arte como trabalho: estratégia de sobrevivência dos trabalhadores da arte. Em 2022 foi co-curadoria da segunda edição do projeto Arte Como trabalho: estratégias de sobrevivência. Participou de diversas exposições no Brasil, México, Portugal e Honduras. Dentre elas: Passeio Público na Caixa Cultural Rio (2023); Ponto Transição na Fundação Progresso, RJ (2016); Diálogos sobre o feminino no CCBB-SP (2016); Quarta Mostra do Programa Aprofundamento na EAV Parque Lage (2014); Festival de Inverno do SESC Rio (2012); Festival Performance Arte Brasil no MAM Rio (2011); Novíssimos na Galeria de Arte Ibeu (2010). Tem trabalho seu publicado no catálogo internacional de performances Emergency Index de 2016.

Exposed, 2025

Performance , 30'

A ação "Exposed – o jogo" pretende convocar o público presente a testar seus conhecimentos em relação a dois velhos conhecidos: o machismo e a misoginia. As artistas Luana Aguiar e Lorena Arruda farão em conjunto a ação, inspiradas em programas de TV de auditório. Vestidas de maneira formal, com ironia e sedução, as artistas farão a leitura de cerca de 50 ditos de personalidades nacionais e internacionais de diferentes tempos históricos. Após a leitura de cada frase, Luana Aguiar irá provocar o público a acertar o nome de quem a pronunciou. Lorena Arruda será a responsável pela sonoplastia da performance. As personalidades são de origens, posicionamentos políticos e artísticos distintos. Assim, a ação pretende iluminar os traços sexistas em comum advindos de contextos diversos e rememorar o fato do patriarcado ser uma das formas primordiais de opressão. Algumas das frases já compiladas: "A mulher pode ser definida como um homem inferior." (Aristóteles) "Jovem: caverna com flores. Velha: um dragão diz horrores." (Friederich Nietzsche) "Uma mulher inquieta vai ao médico ou às compras." (Sigmund Freud) "Demasiada maquiagem e muito pouca roupa para vestir é sempre um sinal de desespero para a mulher." (Oscar Wilde) "Os homens distinguem-se pelo que fazem; as mulheres pelo que levam os homens a fazer." (Carlos Drummond de Andrade) "A mulher é sempre um vir-a-ser até que encontre alguém que a faça ser." (Mário de Andrade) "O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris." (Millôr Fernandes) "Pouquíssimas são as mulheres capazes de abrigar dois conceitos ao mesmo tempo." (Woody Allen) "Não digo que toda mulher goste de apanhar; só as normais." (Nelson Rodrigues)



A noiva suspensa, 2024

Escultura de papietagem com tecidos diversos, papel maché, arame e agulhas de alumínio

120x60x30cm

R\$ 8.000,00

Tenho trabalhado com o imaginário das noivas e símbolos do casamento para refletir sobre como o matrimônio foi utilizado como jogo político através dos tempos, submetendo e explorando os corpos das mulheres. "A noiva suspensa" foi realizada para minha expo individual "Promessa", num diálogo feminista e jocoso com a noiva de Duchamp em seu famoso "O grande vidro". Em "A noiva suspensa" torno a noiva potencialmente perigosa por meio da presença das agulhas de alumínio. Ela fica suspensa de modo que a parte de baixo de sua saia esteja na altura de nosso olhar.



Álbum de noivas I, 2023- 2025

Livro de artista / escultura de parede

50x20x20 cm.

R\$ 2.000,00

Em meus trabalhos recentes, procuro subverter concepções ideais de feminilidade e a romantização exagerada do rito do casamento já que essa romantização pode vir junto com uma promessa de vida que na maior parte das vezes não corresponde à realidade. Em "Álbum de noivas", por meio da impressão de fotografias sobre tecido transparente compostas como um livro de artista, intersecciono imagens de noivas de diferentes espaços e épocas. De cima para baixo, estão as imagens de: Princesa Margaret, Lynda Johnson, Marion Stein, Princesa Leopoldina, Audrey Hepburn, Princesa Anne de Orleans, Catalina de Medici, Princesa Diana, Ana Bolena, Amélia de Leuchtenberg, Tricia Nixon, Princesa Amalie de Saxe-Coburg e Gotha, Princesa Margareth de Connaught e Grace Kelly.



LUCIANE VILLANOVA

Luciane Villanova nasceu em Campinas (1966). Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É formada em Arquitetura pela UFRJ. Iniciou sua formação em Artes Visuais em 2019, frequentando cursos da EAV- Escola de Artes Visuais do Parque Lage e da Eixo Arte. Estudou fotografia no Ateliê da Imagem e na Casa Foto Arte. A artista tem como ponto de partida o desejo de investigar os restos, a impermanência, o indizível, o impossível da linguagem. O trabalho se apresenta com elementos de luz e sombra buscando um movimento que revela/ desvela o que nem sempre está visível ao primeiro olhar. Utiliza materiais ordinários como gazes, restos de tecidos, vergalhões e barro evocando a transitoriedade. Sua poética transita entre fotografia digital, objetos, esculturas, serigrafia de recorte, monotipia e colagem. Participou de exposições coletivas na Galeria Eixo Reserva, Centro Cultural dos Correios do RJ e Ocupações na Galeria Z42, Casa França Brasil e Parque Lage



Talvez haja uma luz, 2024

Objeto

120x70cm

R\$ 4.800,00



Talvez haja uma luz (2024) foi executada com gazes tingidas com argila na cor branca e camurça, posteriormente algumas sofreram um processo de oxidação. O trabalho poderá ser renomeado e também assumir outras formas de apresentação no espaço.



Ser imortal é deixar lucidamente algo fora de sítio, 2024

Escultura

85x52x65 cm

R\$ 4.200,00

Ser imortal é deixar lucidamente algo fora de sítio (2024) foi o primeiro trabalho desenvolvido pela artista com troncos, restos de galhos e vergalhões oxidados. Como nos trabalhos anteriores houve o interesse pelos restos, uma necessidade de buscar no passado algo que ainda pode se transformar em vida. Neste caso, a artista utilizou materiais provenientes da natureza, em transição. A degeneração do material, seja pela oxidação do vergalhão ou pelos restos de troncos utilizados mostram a passagem, a transitoriedade. O Título do trabalho foi retirado do livro Dicionário de artistas BREVES NOTAS do escritor Gonçalo M. Tavares.



LUÍS TEIXEIRA

Jornalista, fotógrafo e videomaker, nasci em 01/04/1969 (Rio de Janeiro) e fui proprietário por duas décadas da Paradise Vídeo, locadora em Copacabana que marcou época. Oferecendo uma curadoria de títulos e gêneros, tornou-se local de encontro para amantes do cinema. Comecei a estudar fotografia em 2013 com Walter Firmo. Ele foi o curador de duas exposições individuais realizadas em 2018 (Museu da República) e 2019 (Palácio Tiradentes), momentos marcantes em que pude compartilhar com o público um olhar cronista da cidade do Rio de Janeiro. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage comecei a desenvolver um processo mais conceitual no campo da fotografia e da videoarte, sob a supervisão de artistas como Claudia Tavares e Marcos Bonisson. Já participei de 20 exposições coletivas, tanto em centros culturais quanto em galerias de artes. Entre elas, destaco “O Rio do Futuro”, onde fui contemplado com edital Sesi/Firjan com mais nove artistas. Fui também selecionado e premiado em dezenas de Festivais de Fotografia e de Cinema, tanto no Brasil quanto no exterior. Cinéfilo apaixonado, acompanho a gradual desertificação dos cinemas de rua do Rio de Janeiro desde os meus 7 anos, quando presenciei a demolição do histórico Cine Azteca a marretadas. Meu trabalho mergulha na memória urbana, na potência imagética do cinema e nas camadas invisíveis do cotidiano, explorando territórios físicos e simbólicos em narrativas visuais marcadas por poesia e reflexão.



Decalque 3, 2025

Fotografia e colagem digital - Impressão Fine art

50x28 cm

R\$ 500,00

Este trabalho emerge da interseção entre memória, imagem e território, evocando a nostalgia dos decalques infantis. Nele, construo um palimpsesto visual, onde camadas de tempo e memória se entrelaçam nos espaços que compõem meu cotidiano. Contando com a ocasionalidade, a série ressignifica o ato de flânar como um processo artístico e criativo, no qual o olhar reconfigura e transforma esses espaços em algo novo e inesperado, desafiando nossas percepções da realidade. O território, então, deixa de ser mero cenário e se torna narrativa viva na construção deste trabalho.



MARIANA MAIA

Mariana Maia (1984) Rio de Janeiro. Artista Visual que pesquisa, principalmente, a performance, mas possui trabalhos em diferentes linguagens. Possui formação em História da Arte, com Mestrado em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atua como professora e curadora. Pesquisa a estética das periferias e o episteme das religiões de matriz africana, aborda questões da negritude e reflete sobre a situação da mulher negra no Brasil.

Artista indicada ao Prêmio Pipa (2024). Atuou e roteirizou os filmes curta metragem *Trouxa de Ouro* (2021), *Quatro Ôrí* (2021), *Mãe do Entardecer* (2020), *CoroAção* (2019), *Já temos assento* (2018), que foram exibidos em diversos festivais e mostras no Brasil e no exterior. Em 2025, foi curadora das exposições individuais de Marcelo Palmer Rezende (Correios) e Dafne Nass (MHC), ainda, curadora da coletiva "Histórias e Sonhos" (MUHCAB). Como artista participou de diversas exposições coletivas em instituições como MAR, IPN, MHN, Caixa Cultural, SESC, ArtRio, Casa Museu Eva Klabin, IMS, MAMAM.



Trouxa de Ouro, 2021

Fotografia

100 x 60 cm

R\$ 4.500,00

Acesso o vídeo da obra em: <https://www.youtube.com/watch?v=XpPIEZniSmQ&t=253s>

Uma mulher sustenta um fardo na cabeça. Realiza tessituras de passados e presentes. A arte é erguida como trouxa. Em um tecido amarrado cabe saberes, dores, fortalezas. Através do Atlântico transportamos em nossas cabeças as cargas necessárias, para reconstruir a África em diversos lugares do mundo.



MARIANA PIMENTEL

Mariana Pimentel (Fortaleza, 27/12/1983)

Artista da dança, gestora cultural, curadora e pesquisadora. Os temas centrais de suas obras são: a presença do corpo na dança contemporânea e suas relações de alteridade; relações e tensões políticas entre corpo, espaço, identidades e noções de coletividade; ancestralidade e ecofeminismo.

Dentre seus trabalhos, se destacam: “We don’t have money, but we are funny”(Lisboa, 2009): solo de dança com estreia em Lisboa e apresentado em Portugal, Brasil, Áustria e Suécia ao longo de 10 anos de circulação; “Take a Picture with a Brazilian Woman for 0,71 cents” (Rio de Janeiro, 2014): vídeo-performance realizada com o artista Fabiano Araruna no calçadão da Praia de Copacabana no dia da final da Copa do Mundo de futebol realizada no Rio de Janeiro e “Terceiro Corpo” (Rio de Janeiro -Lisboa, 2023): solo de dança que trata da ancestralidade indígena da artista dentro de uma perspectiva ecofeminista, inspirado na personagem “Moema” do clássico da literatura invasora “Caramuru – Poema Épico do descobrimento da Bahia”, de Santa Rita Durão.

"Lavar Corações" (2022) - videodança - 21 min.

"Lavar Corações" é um filme de dança de Mariana Pimentel e Fabiano Araruna com estreia no ano de 2022. A beterraba é a protagonista do trabalho por conta de sua íntima semelhança ao coração do ser humano. Beterrabas marcam a pele. Deixam rastros, são doces e têm cheiro de terra. A beterraba é o coração da terra. Movida por perguntas disparadoras, a performer Mariana Pimentel explora o vegetal como se estivesse em um ritual de purificação. Qual o cerne do meu existir neste momento? Qual o coração das minhas ações no presente? De quê eu não abro mão? O que é necessário para criar coragem (agir com o coração)?

"Lavar Corações" - ativação performativa, 2025

"Lavar Corações" - ativação performativa consiste na estreia da ativação do filme de dança "Lavar Corações"(inscrito nesta convocatória como obra audiovisual) por meio de uma performance ao vivo da artista Mariana Pimentel com trilha sonora de Fabiano Araruna. "Lavar Corações" é uma obra criada inicialmente no formato audiovisual mas que se desdobra em diversos suportes tais como prática de movimento e residência de criação coletiva. Este último formato terá sua estreia no festival Linales, em Novembro de 2025, na cidade de Medellín/Colômbia. Sendo assim, seria interessante para a pesquisa poder experimentar o dispositivo cênico do vídeo em formato de performance em contato direto com os públicos através da participação nesta exposição.

A beterraba, planta rica em açúcares e ferro, e também em ácido fólico, vitaminas e carboidratos, é a protagonista do trabalho, muito por conta de sua íntima semelhança ao coração do ser humano. Beterrabas marcam a pele. Deixam rastros, são doces e têm cheiro de terra. Movida por perguntas disparadoras, a performer Mariana Pimentel explora o vegetal como se estivesse em um ritual de purificação. Qual o cerne do meu existir neste momento? Qual o coração das minhas ações no presente? De quê eu não abro mão? O que é necessário para criar coragem (agir com o coração)?

Com forte inspiração no trabalho da autora ecofeminista indiana Vandana Shiva e no da antropóloga e curadora guarani Sandra Benites, o vídeo foi realizado em parceria com o artista visual Fabiano Araruna, também responsável pela gravação e pelo desenho de som.

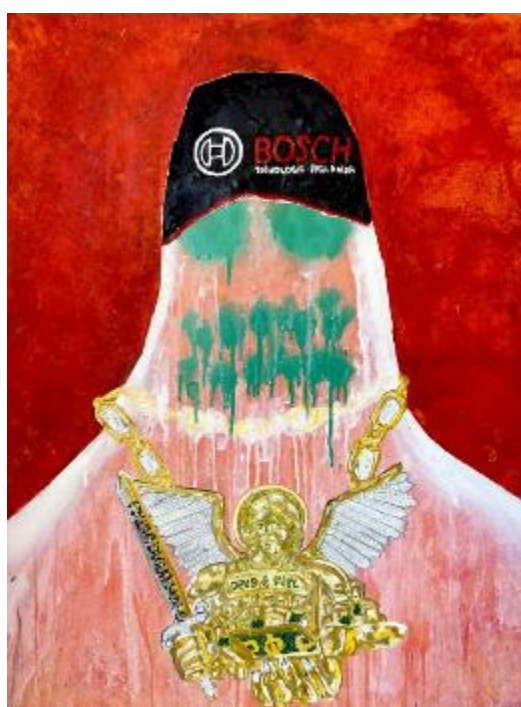


Rasgar, limpar, roçar, despedaçar. É tempo de trocar de pele. Como se através da insistência gestual pudéssemos transformar ação em descoberta. Em terra roxo-avermelhada, não há pressa para nada. 'Lavar Corações' é, então, abrir uma fissura, suspendendo o tempo para perceber e dar passagem para dores e desejos se expressarem.



MURILLO MARQUES

Murillo Marques (30) é músico, artista visual e performer, nascido em São Gonçalo, no Morro da Dita, região metropolitana do Rio de Janeiro. A partir de sua experiência como pedreiro e de sua formação como pintor durante oito anos em uma firma de obras, desenvolve uma pesquisa que investiga as relações entre arte e trabalho braçal, corpo e território. Seu trabalho se debruça sobre os pontos de contato entre práticas operárias e artísticas, buscando compreender os elementos que as aproximam e os signos sociais que as separam. Em sua trajetória, propõe a desmistificação da arte enquanto sacerdócio elitizado, encarando-a como trabalho — e o artista, como operário. Assim, reivindica a possibilidade de consumir, criar e pensar arte a partir de uma perspectiva cotidiana, concreta e radicalmente situada.



Cordões do Tráfico RJ, 2024

Massa para madeira, tinta acrílica, tinta spray e glitter sobre tela

80x60cm

R\$ 8.500,00

A série Cordões do Tráfico RJ e seus desdobramentos — Bichos do Tráfico RJ e Cordões do Trap RJ — partem de uma pesquisa sobre os signos das periferias do Rio de Janeiro, investigando as relações entre corpo, território e territorialidade. A partir dessa investigação, explora-se o conflito inscrito nos códigos de identificação — como cores, números, logotipos, marcas e gírias — que, nos contextos favelados, operam como marcadores de pertencimento e diferença. Esses signos, reorganizados aqui em composições visuais, são mobilizados não para reforçar uma perspectiva apologética ou meramente denunciativa — abordagens muitas vezes associadas à arte periférica —, mas para expandir suas potências estéticas e narrativas. A proposta é emancipar as representações da chamada “arte preta”, rompendo com os enquadramentos limitadores impostos pelo mercado, que frequentemente fetichiza essas produções e reduz suas complexidades a uma plasticidade estereotipada. Nos



trabalhos, os cordões se tornam signos de poder e experimentação, revelando uma dimensão subversiva, abstrata e inventiva da estética das favelas cariocas. Apresentam-se como cornucópias — formas transbordantes — que condensam e devolvem, de maneira crítica e sensível, tudo aquilo que nos atravessa cotidianamente: cultura popular, (des)informações e as múltiplas violências do Estado. Ao fazer isso, a obra recusa o enquadramento e propõe uma estética insurgente, que afirma novas possibilidades de ver, representar e imaginar os corpos e territórios periféricos.



Artista=pedreiro, 2024

Giz pastel sobre lixa para madeira/massa

27,5x22,5cm

R\$ 1.500,00

“artista = pedreiro” é um fragmento que integra minha intervenção ‘150’, realizada para o Festival Avenida de Possibilidades, no @galpaobelamare , no início desse ano. a intervenção questiona a produção de caráter regionalista do rio de janeiro e a maneira como os códigos periféricos são tratados dentro dessa estética, propondo uma reflexão sobre como a demanda por esse tipo de produção acaba esvaziando seus significados originais, e os reduzindo a meras alegorias da pobreza. o fetichismo estético, sequestrado pelo mercado da arte, se torna refém do olhar de aprovação da branquitude, distorcendo a essência das manifestações culturais periféricas

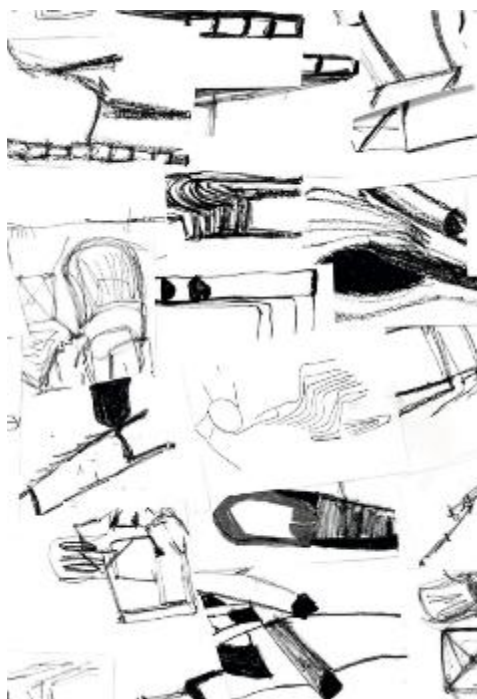


NATÁLIA QUINDERÉ

Nasceu em Fortaleza (CE, 1982) e vive no Rio, com Nuno e Julieta. É artista, dança, faz curadorias e pesquisa sobre artes e seus arredores. Em 2019 ganhou uma bolsa de viagem curatorial do Goethe/Serviço Cultural da França, com o projeto Musée-Museum: 15 dias, 4 horas, uma obra-prima. Depois, idealizou Seis gentes dançam no museu (MAM-Rio, nov. 2021). Tem proposto e dançado, ao lado e apoio de muitas pessoas, em espaços institucionais e independentes do Rio de Janeiro, forjando intersecções entre artistas visuais, bailarines e artistas sonoros. Acompanha em diferentes funções, desde 2022, criações de dança/performance, como Espaço Liso e Vaivém (Na Matilha), Cartas ao Mar (Gui Mattos e Fernando Codeço), Que se passou? (Bia Vizon, Alan Athayde, Rafo e Pitter), entre outros. Faz parte do Coletivo Instantâneo, projeto de improvisação em dança de Camila Fersi. Acompanhou processos de artistas, ao lado de Cadu, na Escola sem Sítio (2023). Foi residente do Pivô (SP), em 2024. Em 2025, participou com grande elenco do Abre Alas (Gentil Carioca, RJ) com Corpo de baile, o baile. Acompanhou a pesquisa de Marius Barthaux, no Rio, a convite da prohelvetia, entre janeiro e abril de 2025. Ademais, dirigiu o retorno do espetáculo Coisa (2025), de Camila Fersi – no projeto Aproximando danças (Funarte).

Cadeira para mover, versão SL (2025)

Cadeira de plástico com braços, com instruções de uso escritas com caneta permanente



Quinderé fez em 2024 sua primeira exposição individual – É um Monte e um Tanto é um Ruma (Abapirá-RJ), com curadoria de Fernanda Lopes. Na exposição, aglomerou e empilhou uma série de cadeiras de plástico e mesas alugadas, além de copos de boteco. Cadeira para mover, versão SL, é um desdobramento da exposição, entrelaçada a sua pesquisa de performance em dança, chamada Seis gentes (2021-). Natália, em Cadeira para mover SL regula o uso da cadeira, com intuito de propor outras movimentações no espaço expositivo, assim como novas formas de mexer o corpo.



Ensaio Corpo de baile, o baile Corpo de baile, o baile (2025) para Abre alas, Gentil Carioca (RJ).

de Natália Quinderé; assistência Thales Ferreira; com Alan Athayde, Anna Clara Coelho, Arda Paranhos, Bebel Freire, Camila Moura, Carol Bahiense, Carol Martins, Fel Barros, Gabriela Jung, Gabriela Haddad, Herika Angel, Julia Vilhena, Kika Motta, Laura Mariante, Laura Silveira, Marianne Panazio, Maria Baigur, Marius Barthaux, Natália Quinderé, Paula Gorini, Rafo Avelino, Thales Ferreira.

Trilha: Bella;

Figurino: Pitô

Agradecimentos: Camila Fersi, Fernanda Lopes, Laura Silveira e Leticia Tandeta.

SEIS GENTES DANÇAM NO MUSEU (2021), de Natália Quinderé

Seis gentes é um trabalho de performance em dança, em conversa infinita com as artes visuais e a crítica institucional. Em 2019, Quinderé ganhou uma bolsa de viagem curatorial, do Goethe Institut e do Cultural do Consulado da França no Rio de Janeiro. A artista permaneceu durante 15 dias, quatro horas diárias, diante da pintura *Die Jounarlisten* (1925), de Hannah Höch, em exposição permanente na Berlinische Galerie, em Berlim. Durante outros 15 dias, parou em frente a *Hand Catching Lead* (1968), vídeo de Richard Serra, parte da coleção permanente do Beaubourg. Pintura e vídeo foram escolhidos, a pedido de Quinderé, pela artista alemã Maria Eichhorn e pela fotógrafa francesa Marie Quéau. O projeto da bolsa, intitulado Musée-Museum: 15 dias, 4 horas, uma obra-prima, reencenava o movimento feito pela personagem de *Mestres antigos* (1985), de Thomas Bernhard. No exterior, Natália mapeia o movimento de visitantes em instituições de arte. De retorno ao Brasil, propõe Seis gentes dançam no museu (MAM-Rio, 2021) como trabalho coletivo. Depois dessa primeira edição, Seis gentes é selecionado para participar do Salão de artes degeneradas, no Ateliê sanitário, com *inferninho* (2022). Ainda em 2022, apresenta Corpo de baile para a mostra Vozerio (MAM-Rio), a convite Katia Maciel. O projeto continua, em 2023, com ensaios e apresentações no espaço independente xow.rumi, na Glória, em colaboração com artistas visuais, sonoros, da dança/performance e da videoarte – especialmente, com Camila Fersi, Laura Silveira, Samuel Frare e demais artistas convidadas. Seis gentes é campo ampliado das artes visuais, performance em dança e música. Lugar de experimentação e movência, e de encontro.





Porca 1 (2025)

Performance, dur. variável

Faísca de Natália Quinderé | Seis gentes, co-criação e artistas Carol Bahiense, Herika Reis, Janaína Ferrari e Manon Bourgeade.

Parece um acontecimento banal, mas é uma performance. Porca 1 tem como intuito brincar com os limites da encenação para modificar a movimentação das pessoas no interior do espaço institucional.

Porca 2 (esconde-esconde) (2025)

Performance, 7 min, repetida em até 3x.

Faísca de Natália Quinderé | Seis gentes, artistas Carol Bahiense, Herika Reis, Janaína Ferrari, Manon Bourgeade e Natália Quinderé.

Após sorteio, a artista sorteada esconde três porquinhas pelo espaço expositivo, em um perímetro acertado anteriormente entre a grupa. As demais precisam achar os três objetos em 7 minutos. O prêmio para cada porquinha encontrada é uma dose de cachaça ou uma cerveja, ou chocolate para as crianças. As demais pessoas presentes no espaço expositivo podem participar do jogo.

Porca 3 (telefone sem fio) (2025)

Performance, poema, duração variável

Faísca de Natália Quinderé | Seis gentes; criação do poema “Orca Porca” e performance Carol Bahiense, Herika Reis, Janaína Ferrari, Manon Bourgeade e Natália Quinderé.

A brincadeira do telefone sem fio é realizada no espaço expositivo com artistas e demais pessoas que topam entrar no jogo. Após sorteio, uma das artistas escolhe alguém para sussurrar o poema “Orca Porca” em seus ouvidos. Essa pessoa deve passar o poema adiante. As demais artistas escolhem outras pessoas para sussurrar o poema. Quando o poema retornar para a artista sorteada a performance termina. Ela também se encerra, assim que o fluxo é interrompido. porca 3 pode ser repetida até o telefone sem fio ser repassado corretamente, ou até quando existirem participantes.



PATRICIA GOÙVEA

Patrícia Gouveia nasceu em 1973 no Rio de Janeiro. Artista e pesquisadora, trabalha com fotografia, vídeo, filme, escrita, instalação e intervenção urbana. Sua pesquisa tem como um dos principais eixos a expansão das temporalidades da imagem a partir de reflexões sobre o corpo, a natureza, a destruição ambiental e os apagamentos da memória operados pelas "histórias oficiais".

Doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF), é Mestre em Comunicação e Cultura na linha Tecnologias da Comunicação e Estéticas da Imagem (ECO/UFRJ), Especialista em Fotografia e Ciências Sociais (UCAM/RJ) e Graduada em Comunicação Social (ECO/UFRJ).

Entre 2005 e 2009 fez parte do coletivo Grupo DOC (Desordem Obsessiva Compulsiva), que promoveu dezenas de ações no Brasil e no exterior. Publicou os livros: "Membranas de Luz: os tempos na imagem contemporânea" (2011, Azougue Editorial), Imagens Posteriores (2012, Réptil Editora), Banco de Tempo (2014, em parceria com Isabel Löfgren, edição das autoras), Mãe Preta (2018, em parceria com Isabel Löfgren, Frida Projetos Culturais), Fenda (2019, livro-objeto em parceria com a Olho de Gato Editora), Do amor (2022, {Lp} press) e participou de muitos outros.

Participou de dezenas de coletivas e realizou exposições individuais na China, na Itália, no Brasil, na Colômbia e Argentina. Em dupla com a artista Isabel Löfgren desenvolveu as pesquisas de longa duração Banco de Tempo (exposição, site e livro com edição independente) e Mãe Preta (exposição, site e publicação). Tem trabalhos em coleções privadas e acervos institucionais, como a Coleção Joaquim Paiva/MAM, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e MAR - Museu de Arte do Rio.

Foi uma das fundadoras da Agência Foto In Cena (1995/98) e do Ateliê da Imagem (1999/2019), espaço cultural independente que formou 2 gerações de fotógrafos e notabilizou-se como centro de pesquisa, ensino e fomento da imagem no Rio de Janeiro, no qual atuou como diretora artística e pedagógica, coordenadora, organizadora e curadora de mais de 70 exposições, seminários e eventos.

Suspendida, 2020

Vídeo

4'26"

R\$ 6.000,00

Um pequeno filme sobre o poder curativo da natureza, sobre a deriva da maternagem, sobre a espiral do tempo, sobre o mar e o silêncio. Realizado durante a pandemia da covid. Este trabalho foi contemplado pelo Prêmio Funarte RespirArte 2020

Paisagem, 2024

Vídeo

4'14"

R\$ 6.000,00

Um trabalho que venho desenvolvendo com minha filha Diana e que faz parte da minha pesquisa de Doutorado em Estudos Contemporâneos das Artes na UFF, tecendo relações entre arte, maternidade e espiritualidade. No vídeo, nossos corpos inserem-se como fendas na paisagem doméstica e ao redor, embaralhando temporalidades e experiências com o território em que vivemos.



As sonoridades que envolvem o trabalho foram gentilmente cedidas pela artista Lisa Schonberg que tive o prazer de conhecer na residência LabVerde em 2017. Os sons emergem de sua pesquisa sobre a comunicação entre as formigas iniciada na Amazonia e que trouxeram novos dados científicos sobre estes seres fascinantes.



PEDRO CARNEIRO

Nascido no Rio de Janeiro, em 1988, Pedro Carneiro constroi sua produção pautado nas questões relativas à herança diaspórica afro-latina e a cultura pop. Através do sample visual seu trabalho se desdobra em pinturas, intervenções urbanas, instalações e desenhos, seus trabalhos refletem histórias reais e inventadas tendo como ponto de partida o reencontro com sua ancestralidade. Sua pesquisa fez seu trabalho se desdobrar em duas séries: Paisagens Humanas e Tropicacos. Pedro Carneiro é mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), realizou a residência Pesquisa em Artes 2021 do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, foi selecionado para a 13ª Bienal do Mercosul, através da Chamada Aberta para a exposição Transe. Participou da exposição "Carolina Maria de Jesus, um Brasil para os brasileiros" e da exposição "Um defeito de cor". Possui obra na coleção do Museu de Arte do Rio.



Antes do choro, 2024

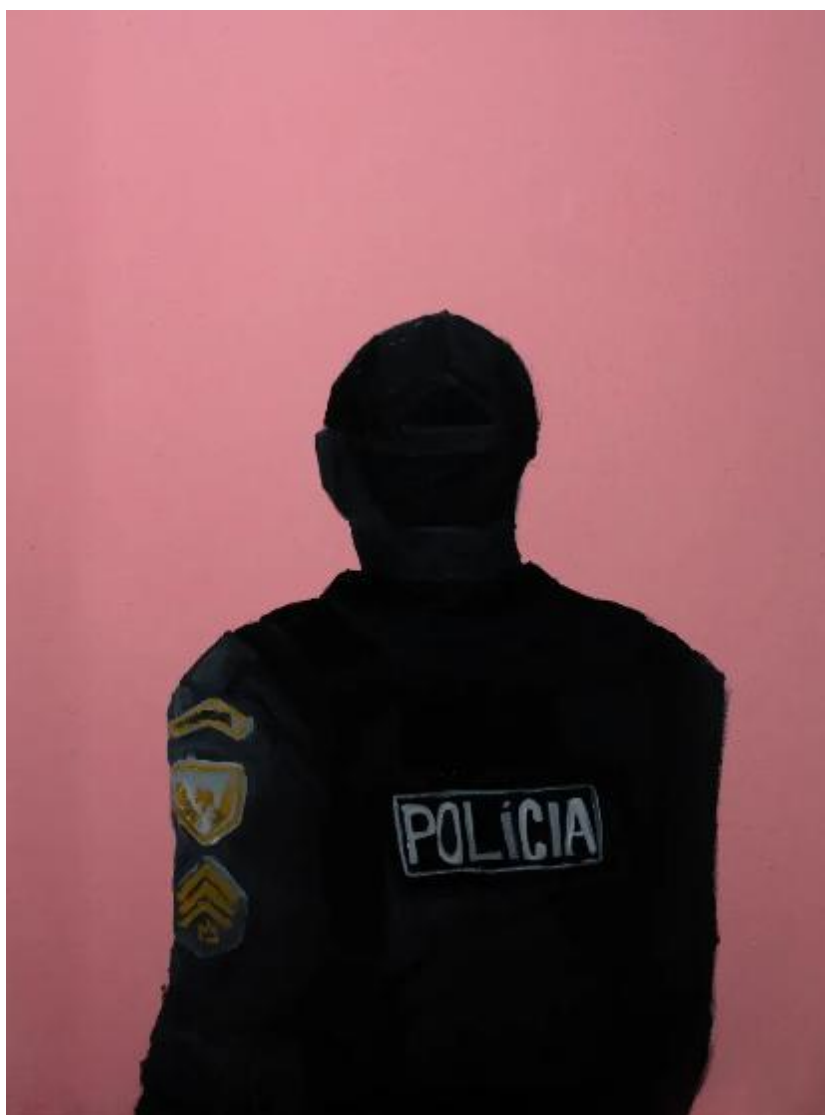
Óleo e acrílica sobre tela

30x20cm

Não está à venda



Antes do choro reflete o instante, um movimento que pode ter uma ampla interpretação por ser uma figura negra colocando a mão na cabeça. É um instante de terror? De reflexão? Ou apenas um reflexo cotidiano?



Take it easy, my brother Charles, 2021

Óleo e acrílica sobre tela

100 x 70 cm

Não está à venda

Livrementemente inspirada pela música de Jorge Ben Jor com o mesmo título. A pintura reflete sobre esse policial, dito homem da lei, que vive em uma margem perigosa da sociedade. Estudos indicam que essas pessoas muito delas afrodescendente são as que mais matam e as que mais morrem. Onde essas pessoas são colocadas e se colocam na nossa paisagem. A pintura não aponta para nenhuma direção, entretanto questiona alguns alicerces que estes corpos estão postos.



PEDRO PEREIRA

Nasceu em 1993, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Durante sua infância fez diversas oficinas e cursos em instituições dentro da favela do Complexo da Maré. Cresceu no próprio Complexo e aos 14 anos de idade ganhou uma bolsa de estudos para ingressar no Atelier de Pintura Realista, sob orientação do Mestre em pintura Renato Ferrari. Neste mesmo atelier se tornou assistente e depois professor. Em 2016 se formou em Filosofia, em 2019 iniciou graduação em Design de Moda e atualmente é pós-graduado em História da Arte e Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Em suas produções tem trazido questionamentos e reflexões sobre diversos temas, no entanto o mais presente é sexo, gênero e sexualidade.



Além da performance, 2024

Óleo sobre tela

100x65cm

R\$ 2.500,00

Segundo Judith Butler, performance diz respeito à ação, ao agir de determinada forma expressando o gênero que apresentamos ao mundo. Dizer que algo é performativo é afirmar algo da produção de efeito, falar, portar-se, agir de forma que o reconhecimento se dê “esse é um homem” “essa é uma mulher”. Portanto, ir além da performance é também ser autêntico.



RAPHAEL COUTO

Raphael Couto (São Gonçalo/RJ, 1983) é artista visual, curador, pesquisador e professor. Investiga as relações entre corpo, imagem e espaço. Tendo na performance a matéria-prima de seu trabalho, que valisa para o texto, o objeto, o vídeo, a fotografia e o desenho. Participa de exposições, festivais e mostras de performances desde 2004, tendo realizado as individuais Flores Artificiais (2009), Atravessamentos (2014), tronco (2017) e Perder o caminho (2022). Coorganiza o ateliê "cidade baixa", espaço independente de arte contemporânea no centro da cidade. Mestre em Artes pela UFF, é professor de Artes Visuais do Colégio Pedro II.



Salto, 2025

Fotografia

40x40cm

R\$ 1.500,00

Venho explorando nós últimos tempos a questão do lugar da performance no ateliê. No convívio diário de artistas que discutem a pintura, a escultura, a fotografia, a cerâmica e a tecelagem, que lugar a performance ocupa ali. Salto é fruto dessa investigação arquitetônica pelo corpo, buscando esgotar a paisagem do ateliê.



Escada, 2025

Fotografia

40x40cm

R\$ 1.500,00

Venho explorando nós últimos tempos a questão do lugar da performance no ateliê. No convívio diário de artistas que discutem a pintura, a escultura, a fotografia, a cerâmica e a tecelagem, que lugar a performance ocupa ali. Escada é fruto dessa investigação arquitetônica através do corpo, utilizando materiais comuns à paisagem do ateliê, buscando esgotar esse espaço.



Cadeira, 2025

Fotografia

30x40cm

R\$ 1.500,00

Venho explorando nos últimos tempos a questão do lugar da performance no ateliê. No convívio diário de artistas que discutem a pintura, a escultura, a fotografia, a cerâmica e a tecelagem, que lugar a performance ocupa ali. Cadeira é fruto dessa investigação arquitetônica pelo corpo, colocando o corpo nu do artista cercado de objetos do universo do ateliê. Fotografado do mezanino, o trabalho também coloca o espaço do ateliê como elemento determinante do olhar o corpo.



RAPHAEL MOREIRA

Raphael Moreira nasceu em 1983 no Rio de Janeiro onde vive e trabalha. Concentra seu trabalho na pintura a óleo e tem como pesquisa a paternidade ativa na contemporaneidade. É pós-graduado em Linguagens da Arte Contemporânea pela FAAP (2025). Fez cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2024-25). Graduiu-se em Psicologia pela UERJ (2007). Participou do 3º salão das artes de Guararema onde recebeu o prêmio de menção honrosa (2023); do 8º Salão de arte contemporânea de Campo Mourão/PR (2024); do IV salão de artes visuais IFES Cachoeiro de Itapemirim/ES (2024); da exposição Handmade: enredos femininos no Centro Cultural dos Correios/RJ (2024); do Salão de artes visuais de Vinhedo/SP (2025); do LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba (2025); da exposição Abraço Coletivo no centro cultural Lanchonete<>Lanchonete (2025) .



Respira-me, 2023

Óleo sobre tela

70x70cm

Não está à venda

Em “Respira-me”, a visão se materializa a partir do olhar silencioso do pai, que assiste à transformação da mulher em mãe. Ao acompanhar esse processo, ele reconhece o peso das exigências que a vida impõe — um fardo que ecoa na própria estrutura social. A cena revela o implícito turbilhão de pressões que muitas vezes atravessa a experiência materna, frente às forças inexoráveis da maternidade, que frequentemente submergem a identidade, silenciam a voz e aprisionam a liberdade. Soma-se a isso uma estrutura social que pouco a ampara nesse momento. Vê-se uma mulher que já não se reconhece apenas como receptáculo de vida, mas como sujeito de vontades, sonhos e contradições. E, no entanto, o mundo ao redor não acompanhou essa transformação. A sociedade ainda oferece estruturas pensadas para uma mulher que não existe mais. A obra emerge desse descompasso: o de ver alguém que respira para todos, mas não encontra ar para si. É uma demanda por posicionamento — desse pai, e de todo o entorno.



SAULO MARTINS

Saulo nasceu em Goiânia (GO), em 1994, e foi criado em Nova Iguaçu (RJ). Atualmente, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua pesquisa se desenvolve a partir da materialidade do tratamento psiquiátrico medicamentoso (caixas, bulas e embalagens) e da imaterialidade do tratamento psicoterapêutico (desejos, traumas, segredos e sonhos). Nesse inventário, convivem o luto, vestígios do carnaval, o mistério e diferentes experiências de amar e ser amado. Sua prática busca tensionar a patologização das subjetividades. Em 2022, realizou sua primeira exposição individual, mapear os dias, encarar as noites, no SESC São João de Meriti. Participou também da primeira residência de carnaval da Casa da Escada Colorida (2024, RJ) e de exposições coletivas como Coemergências (2024, Paço Imperial, RJ), Poéticas do Agora (2024, CCJF, RJ), Bienal Black Art (2023, RJ) e aqui onde agora está (2022, Casa da Escada Colorida), entre outras.



Folie à deux, 2023

Acrílica sobre tela, tecidos, bula de remédio, miçangas, bordado, linhas e comprimidos

62 x 79 cm

R\$ 3.500,00

“Folie à deux”, do francês “Loucura à dois”. termo utilizado pela psiquiatria para designar o “transtorno delirante induzido”. Trabalho que conjuga pintura e costura para refletir sobre ideias como sanidade mental, amor e cuidado



SRY ART

Sou Sabryna Motta, artista plástica de 23 anos, residente em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Atualmente curso Pintura na Faculdade de Belas Artes da UFRJ e sou fundadora da marca “Sry Art”. Meus trabalhos têm como foco estudos e pinturas que retratam álbuns musicais e elementos da cultura negra. A obra selecionada para esta exposição integra minha série Grillz, na qual retrato acessórios dentários ligados às culturas do hip hop e às raízes afrodescendentes. Nela, o corpo se apresenta como território de potência e expressão. Ao ampliar a boca e destacar os grillz, levo para o campo da pintura símbolos que carregam histórias de resistência, afirmação identitária e liberdade estética. O corpo não é apenas suporte, mas protagonista — um espaço onde se inscrevem memórias, pertencimentos e escolhas visuais que rompem com padrões hegemônicos de beleza.

Na boca da noite, 2025



Acrílica sobre tela

60x60cm

Não está à venda

A obra nasce do desejo de transformar os adornos — símbolos de resistência, pertencimento e liberdade estética — em protagonistas da pintura. Ao ampliar a boca e evidenciar o brilho metálico dos dentes, o corpo se afirma como território de memória, identidade e força visual, revelando uma resistência forjada na própria carne. Cada reflexo metálico carrega ecos de histórias ancestrais, reluzindo entre os dentes como um canto de liberdade.



SUSANE TRAVASSOS

Susane Travassos - nascimento em Belo Horizonte, MG, em 1954. Artista transdisciplinar, coreógrafa, bailarina e violinista, trabalha com arte têxtil. Em 1998 funda seu grupo de dança e música RAGA, para o qual coreografou e confeccionou os figurinos para os espetáculos: De Benares a Jerez (1998 a 2001), Todas as Ragas da Índia (2002), Takadime (2006), Fluxos (2008). É membro do coletivo Intercultural Arts and Healing, com sede em NY, já tendo feito coreografia e dança de performances apresentadas em teatros e centros culturais de New York e New Jersey: Fluxos (2010), Pulsations (2012), Interfaces (2014). Coreografia e figurino de Amazon Vignettes (2019), apresentado no RJ e em Manaus. Coreografia e figurino para as cinedanças WHEN I HEARD (premiado no Festival Corpos em Perspectiva do RJ (2019), na Bienal de Dança do Ceará e no Congresso FORMA do Piauí em 2021. Meio dia do Piauí)), Red Sand (selecionado para o Festival ADD A MOVIE de NY, 2022) e Dress Rehearsal (2024). Coreografia, figurino e máscaras para o cinedança CAZUMBANDO, contemplado em primeiro lugar no Festival Ondas da Cultura da Funarj em 2021. Participou da exposição coletiva HANDMADE - Enredos Femininos - no Centro Cultural dos Correios (RJ) em 2024. Sua pesquisa alia o corpo em performance com máscaras e tecidos.



Cara, 2023

Tecidos, espuma, costura à máquina e à mão, corda, miçangas, bijuterias

49x33x12cm. Vêu: 1me

R\$ 1.000,00

Escultura têxtil, iniciada para ser uma máscara, que tomou vida própria.

Neoprene Devil

Vídeoperformance, 2'35''

Partindo da máscara surgiu a performance. A máscara afeta o portador e lhe sugere movimentos. Composição musical da autora.



SYLVANA LOBO

Sylvana Lobo é artista visual graduada pela Universidade Federal de Goiás. Suas obras partem do onírico e da fabulação para existirem. A artista ressignifica sua própria história a partir de um corpo feminino criado no interior do Brasil, no início do século XX. É nesse cenário que surgem descampados, animais domésticos, refeições e orações: ao deslocar símbolos comuns desse contexto, cenas e figuras cotidianas são ressignificadas e questionam a dinâmica que revelam. Atualmente, a artista vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ.



Aos mansos ensinará o seu caminho, 2020

Óleo sobre tela

40x30cm e 40x30cm (díptico)

R\$ 6.000,00

No díptico “Aos mansos ensinará o seu caminho”, o corpo se manifesta por meio das mãos — instrumentos de trabalho, cuidado e, também, contenção. Em uma das telas, mãos rosadas amassam o que parece ser um tecido ou carne, num gesto ambíguo entre o doméstico e o visceral. Na outra, dedos de unhas longas e escuras — quase garras — sustentam linhas enredadas que evocam a antiga brincadeira de “cama de gato”, aqui ressignificada como símbolo de aprisionamento e engenho. A oposição entre uma mão humana e outra animalizada desdobra tensões entre instinto e obediência, entre delicadeza e dureza, entre brincadeira e controle. A imagem flutua entre o cuidado e a brutalidade, o gesto e a força, instaurando um lugar de ambiguidade onde o corpo feminino — tantas vezes domesticado — resiste em silêncio e cria novos sentidos.



Conserves amizadas, 2021

Óleo sobre tela

60x61cm

R\$ 6.500,00

Em “Conserves amizadas”, três crianças brincam ao redor de um fogão de lenha aceso, como se a inocência da infância convivesse com a iminência do perigo. A cena se passa sobre um chão sem contorno claro, onde o fogo que deveria aquecer ou cozinhar se torna ponto de tensão — centro de uma possível tragédia ou rito secreto. A brincadeira, aqui, é carregada de ambiguidade: ela é encontro, mas também encenação de risco; é elo, mas também crueldade lúdica. As crianças se lançam ao calor como quem se acostuma com o fogo desde cedo, como quem cresce aprendendo que corpo e dor fazem parte do mesmo jogo. A pintura evoca a proximidade entre



afeto e violência, presença e ausência de cuidado. Em um espaço onde adultos não aparecem, a liberdade da infância é uma liberdade vigiada por normas invisíveis e contextos duros.



Tu me reviverás, 2023

Óleo sobre tela

64x65 cm

R\$ 6.500,00

“Tu me reviverás” apresenta uma figura feminina que sobrevoa uma paisagem rural, como quem retorna a um lugar antigo não para habitá-lo, mas para revê-lo. É uma revisitação ativa da memória, do espaço e dos afetos. A jovem não está mergulhada na cena, mas paira sobre ela: seu corpo, em suspensão, carrega uma dimensão onírica e política. A paleta rosada emoldura o gesto de retorno como experiência sensível, marcada por afeto, delicadeza e também estranhamento. Trata-se de reviver o que foi — e ainda é — estruturante na constituição do feminino: o interior, a casa, o quintal, os papéis de filha, neta, menina. Essa figura em voo, embora sozinha, não está isolada: carrega consigo histórias que não se apagam. O corpo em levitação aponta para uma liberdade que não rompe com o passado, mas o transforma — libertando imagens da estagnação e conferindo-lhes novas possibilidades de existência.



SHAHRZAD NAZAPOUR

Shahrzad Nazarpour cresceu no Irã e lá estudou teatro e artes. Participou do PARASOL no Tanzquartier Wien e, desde 2020, integra a turma de Arte Transmídia na Universidade de Artes Aplicadas de Viena. Para o DSCHUNGEL WIEN, desenvolveu as produções juvenis *LEMNISKATE* e *HIJAB OFFLINE*.

Hair, Stone and Voices (Cabelo, Pedra e Vozes), 2020 – em andamento

Vídeo, 14'30''

Desde 2020, Shahrzad Nazarpour vem desenvolvendo a série de performances *Hair, Stone and Voices* em um processo contínuo. Nela, aborda e elabora manifestações de liberdade na forma de resistência coletiva e individual. Em maio, julho e agosto, a artista se apresentará em três espaços públicos diferentes em Viena – a Art Box no Museumsquartier; o Stand 129, no Viktor-Adler-Markt 129; e o Kubus EXPORT no Hernalser Gürtel. Nas performances, o cabelo da artista torna-se um meio. Shahrzad Nazarpour o utiliza como símbolo de resistência, solidariedade e declaração política. Seu foco está na emancipação, aceitação e igualdade das pessoas FLINTA* no Irã e no Afeganistão, que arriscam suas vidas diariamente pela justiça, como afirma. “Nesse contexto e nesse debate, cada parte do corpo dessas pessoas adquire um significado político”, diz a artista.

Em seu trabalho, Shahrzad Nazarpour combina teatro, dança e performance para confrontar a discriminação, o colonialismo e formas revolucionárias de existência. Com a performance *Hair, Stones and Voices*, ela não apenas conclama à solidariedade com as pessoas FLINTA* no Oriente Médio, mas também nos lembra da luta global pela liberdade: “A liberdade é uma prática diária.”

Nota: FLINTA* é uma sigla usada em contextos queer/ feministas na Europa (principalmente em países de língua alemã). **Frauen**, Mulheres; **Lesben**, Lésbicas; **Inter**, Pessoas intersexo; **Nicht-binär**, pessoas não-binárias; **Trans**, Pessoas trans e **Agender** para pessoas sem gênero. E o * indica abertura para outras identidades de gênero e orientações que não se enquadram na norma cis-hetero.



TAÍS BAÍA

Taís Baía é artista visual transdisciplinar. Tem como eixo principal da sua pesquisa a construção social do corpo feminino e sua inscrição no campo das imagens como matéria "presença" e poética no embate de se tecer. Está interessada em investigar problemáticas relacionadas ao processo Arte Vida. Atualmente, integra como discente a linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos no programa de Pós Graduação em Artes da UERJ. Desde 2018 participou das exposições: Não Prenda Poemas no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo-RJ, TE-TÁ na Casa Taura- RJ, Mostra Arte Viva na Escola de Artes Visuais do Parque Lage- RJ, Corpus Críticos na Galeria Z42 - RJ, Arte e Magia na Casa Taura -RJ, Lavra no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica - RJ, Seminário: Arte, Maternagem e Feminismo: marginalice e entrelaçamentos na UFS em São Cristóvão/SE, "Nome da exposição" na Galeria Spazio 148 no Chile.



Série "Calendário de Apagamentos". Ninho. O som da terra, 2020.

Desenho em carvão sobre papel Canson

21x29 cm

O ENCONTRO COM A AVE GUARÁ, CORPO ESPÉCIE QUASE INSTINTA DE NOSSA FAUNA.
AVE SAGRADA, CORPO TRÂNSITO ENTRE O CELESTE E A TERRA. O CORPO DA MULHER IGUALMENTE
PORTAL ENTRE AS DIMENSÕES DO EXISTIR. CORPO PASSÍVEL DE GERAR OUTRA VIDA. CORPO
PERMEADO PELOS MISTÉRIOS ENTRE O CÉU E A MÃE GAIA.
NUMA RITUALISTA QUE BUSCA INSTAURAR UM TEMPO MÍTICO, MÁGICO, A TENSÃO ENTRE DOIS
CORPOS. CORPO GUARÁ E SUAS PENAS TRANSMUTADAS DE NEGRAS AO VERMELHO E O CORPO
FEMININO QUE SE TRANSMUTA EM CAMADAS DE MEMÓRIAS PARA PLASMAR FUTUROS POSSÍVEIS.



vega

vega é artista e tatuador não-binário de São José dos Campos. Viveu na cidade de São Paulo, onde cursou Artes Visuais na UNESP e iniciou seu desenvolvimento artístico, que hoje se manifesta pela experimentação com as linguagens e o corpo, na produção de esculturas, instalações, performance e ações coletivas. A partir da busca por uma produção integrada com a vida e de uma vivência nômade, busca criar corpos que revelem as mutações e interligações indissociáveis da matéria, compondo com materiais orgânicos e sintéticos, criação humana e natureza em decomposição, modificação corporal e viagens para discutir questões acerca da complexidade das dinâmicas do corpo, espaço e território. Pesquisa no mestrado em Artes Visuais da UFRJ uma poética do corpo expandido, que através de processos coletivos de criação, possa refletir a necessidade de integração do ser humano e da vida que se manifesta em outros seres, ir de encontro ao Outro, humano e não humano, buscando confrontar o legado do pensamento ocidental colonial e retomar os saberes ancestrais. Sua prática artística e de vida tem sido intimamente influenciada pelo pensamento de território e envolvimento com a agroecologia, atuando em coletivos como Mutirão de Agroecologia-UFRJ, Rede Transvestigênera de Agroecologia, Casa Autônoma Formiga Preta e Jornada da Mata.

Procura refletir como ser um agente produtor de vida.

Corpos encruzilhados: território de escritas dos encontros, 2025

Performance

O trabalho é uma escrita poética na pele como um texto em um corpo coletivo que se faz em páginas de diferentes peles. As escritas partem de títulos de outros trabalhos realizados anteriormente, pensando na abertura do corpo para outras formas de ser, um corpo-bicho interespécie, que tem no pássaro um ser de expansão com seu corpo-vento. A pele como espaço demonstrativo das mudanças; como camada da superfície de acontecimentos complexos; como o que se dá a ver de processos muito maiores e invisíveis; o que sobra na pele são rastros ou vestígios de outros planos. A tinta branca e as palavras espaçadas criam esses rastros como vapor ou nuvem que se espalha, e ao mesmo tempo ficam bem marcadas, como cicatriz.



VINÍCIUS MONTE

Vinícius Monte nasceu no Morro do Fubá, zona norte do Rio de Janeiro. Atualmente, vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo. Artista visual de formação interdisciplinar, sua poética questiona os sistemas de consumo, descarte e desigualdade. Seu trabalho se desenvolve, principalmente, por meio da colagem — como forma e pensamento — e da descolonização do imaginário, explorando fotoperformances e a ressignificação de objetos e materiais cotidianos. Sua pesquisa transita entre a deriva, a transmutação e a ruína, reivindicando o simbólico como ferramenta crítica e a arte como um modo de desmontar sistemas por meio de gestos que reinventam mundos. Em 2018, fundou no Rio de Janeiro o projeto Caixa Preta, um espaço de arte independente, sem viés comercial, voltado para o fomento à arte contemporânea e ao pensamento crítico. Ao longo de 10 anos de produção e atuação no campo das artes, teve seus trabalhos expostos em museus, instituições e galerias como a EAV Parque Lage, Paço Imperial, MAR, MAM/RJ, CCCRJ, CCJF, entre outros.



O descendente dos grandes transformadores. Guardiã do portão da morte, 2021

Fotoperformance

75 cm x 40 cm

R\$ 3.000,00

Aos 33 anos, com a peixeira de meu falecido e amado avô e com a benção de Seu Manelzinho, um dos pescadores mais antigos da região de Itaipuaçu (praia da morte), subo na guardiã do mar (seu barco), me coloco em corpo performático a dançar a coreografia eterna das marés, deixar atravessar por mim os ventos que trazem consigo as grandes transformações de nosso tempo, reverenciar humildemente o senhor da morte, ceifador que a tudo desmembra e renova, a tudo transforma e regenera para reinventar a vida. Após a longa noite escura, o resplandecer. LEVANTE. ESTAMOS VIVAS.